

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC- SP**

Sheila Aparecida Pereira de Oliveira

**O JOVEM FRENTE À VELHICE E AO
ENVELHECIMENTO**

**Estudo Realizado com alunos de 15 a 18 anos de escola
pública na região do Itaim Paulista, São Paulo**

Mestrado em Gerontologia

**São Paulo
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC- SP**

Sheila Aparecida Pereira de Oliveira

**O JOVEM FRENTE À VELHICE E AO ENVELHECIMENTO
Estudo Realizado com alunos de 15 a 18 anos de escola
pública na região do Itaim Paulista, São Paulo.**

**Dissertação apresentada à Banca
Examinadora Da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de Mestre
em Gerontologia, sob a orientação da
Prof^ª Dr^ª Ruth G. da Costa Lopes.**

**São Paulo
2009**

Banca Examinadora

Dedicatória

À Alice, Matilde & Reinaldo, amores eternos.

Escolheste-me para filha,
Quando poderia ser apenas mãe, madrinha, padrinho
Escolheste-me para amar,
Quando poderia apenas gostar,
Fez-me especial em sua vida,
Quando eu poderia ser apenas mais uma,
Amo-te inexplicavelmente,
Talvez por ter me ensinado apenas com o olhar,
Talvez por ter me dado uma infância inesquecível,
Talvez por ter me dado educação e mostrado sua importância,
Apenas talvezes...
E certezas?
A única que tenho é que os amo e me amam,
O resto à vida é que se encarrega de fazer por nós.

Agradecimentos

Em primeiro lugar a Deus pela oportunidade da vida, sua continuidade e por me permitir viver momentos inesquecíveis durante este período estudantil, que me permitiram finalizar este trabalho mais madura e consciente do meu papel no mundo em que vivo hoje.

A minha mãe Alice Pereira de Oliveira, pelo sacrifício em me tornar o que sou hoje, visto que a perspectiva de sua própria vida talvez não a permitisse ver o futuro que trilhava pra suas filhas e principalmente para mim, diante de tantas intempéries que vivia. Obrigada!!!!!!!!!!

A minha madrinha, Tilde, padrinho, Naldo e tia Carmem Silvia, por acreditarem em mim e me proporcionarem uma educação de qualidade e acima de tudo com amor.

A minha Orientadora desta Dissertação Ruth.G. da Costa Lopes, pelo carinho que dispensou ao me acolher, pela compreensão e respeito ao meu ritmo de trabalho, pelas observações que me faziam refletir e tentar ultrapassar meu próprio compasso. Agradeço principalmente pelas “portas” que abriu para mim fazendo com que eu acreditasse que meu trabalho poderia ser belo, apesar das condições adversas em que me encontrava, pelo carinho que teve em meu processo de construção, orientação.

Aos professores do programa de Gerontologia, pelo amor, compreensão, carinho, responsabilidade e ética que tem ao nos transmitir informações sobre o processo de envelhecimento.

A Manoela A. Ballester pela paciência em esclarecer e ensinar os procedimentos dos processos burocráticos na universidade.

A Ingrid, Ricardo, Kasuo, Ana Tomazoni, Flavinha, Maria Tereza, Marilza, e outros colegas do curso de Gerontologia que me mostraram outro jeito de ver, viver a vida e conseqüentemente apreciá-la melhor, com mais qualidade e felicidade.

A Ana das Graça pelo companheirismo de idas e vindas à PUC, leituras compartilhadas, reflexões, questionamentos e principalmente amizade nestes anos de trabalho e estudo juntas. A Cimere Cristina, também pelas leituras e escritas compartilhadas.

Aos meus amigos de infância e da vida adulta, em especial: Cássia, Mary, Mia, Tiemi, Renata, Cimere, Rosa Maria, Ana das Graça, Ingrid, Alice Passos, Ricardo, Kasuo, Flavia, pela compreensão nos momentos difíceis, de desânimo, de angústias, de alegria, pela paciência, incentivo, leituras partilhadas, momentos de discussão que nos faziam crescer e principalmente pela fidelidade de todos.

A Prof^a Dr^a Ana Zahrá Bassit, por me colocar no mundo da pesquisa científica e por compartilhar de mais um processo de minha formação estudantil, com especial delicadeza e competência, participou de meu exame de qualificação e banca examinadora.

A **CAPES**- Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo investimento em minha formação acadêmica durante o percurso no programa de Estudos Pós- Graduated em Gerontologia da PUC-SP.

Resumo

Este estudo investigou a visão dos adolescentes entre 15 e 18 anos de idade, sobre a velhice e o processo de envelhecimento. Estes jovens são estudantes, do terceiro ano do ensino médio, de uma escola pública na região do Itaim Paulista, zona leste da cidade de São Paulo. A pesquisa de abordagem qualitativa se iniciou com o levantamento bibliográfico sobre a velhice, o processo de envelhecimento e a importância da educação na formação dos jovens. O estudo foi realizado na escola, em uma aula com duração de uma hora e vinte minutos com vinte e sete alunos, sendo doze meninos e quinze meninas. Buscou-se conhecer a visão destes jovens através de uma dinâmica de grupo, na qual falaram sobre suas percepções a cerca do tema proposto, a velhice. Após a realização da dinâmica de grupo, as palavras e comentários feitos pelos adolescentes foram organizados em temas centrais e separados em categorias como: família, doenças, relações intergeracionais, longevidade e expectativa de vida, aparência física e direito. A análise de dados dos sujeitos pautou-se nas categorias e interpretações subjetivas a luz da teoria. Os resultados fizeram surgir conhecimentos e questionamentos que corroboram para a compreensão do adolescente a cerca do processo de envelhecimento e da velhice, assim como a lacuna na formação dos adolescentes deixada pela educação.

Palavras- chave: adolescência, velhice, envelhecimento e educação.

Abstract

This study investigated the vision of the teenagers between 15 e 18 years old, about the old age and aging process. These young people are students, of the third year of the medium teaching, of a public school in Itaim's Region from São Paulo, city zone east of São Paulo. The qualitative approach research was initiated with the bibliographical rising about of the old age, the aging process and the importance education in the young people formation. The study was accomplished at school, in a class with duration of an hour an twenty minutes with twenty seven students, twelve boys and fifteen girls. It sought to know the vision of these young through a dynamic of group, the words and comments done by the teenagers were organized in central themes and separated in categories as: family; diseases, intergeracionais relations; longevity life and expectation; physical appearance and right. The data analysis subjects it ruled in the categories and subjective interpretations the theory light. The results did arise knowledge and questions that corroborate for teenager comprehension the about of the aging process and of the old age, as well as the gap left by the education relatively to the theme in the youth's formation.

Key- words: Adolescence, old age, aging and education.

Sumário

Introdução.....	02
Capitulo I. Contextualização do Tema.....	10
1. A adolescência.....	11
2. O envelhecimento e a Velhice.....	18
2.1 O processo de Envelhecimento e a Velhice.....	19
3. Formação do adolescente: A Função da Educação.....	28
Capitulo II. Percursos Metodológicos da Pesquisa.....	40
2.1 O Referencial Teórico Metodológico.....	41
2.2 Procedimentos da Pesquisa.....	44
2.3 A Comunidade a qual Pertencem os Adolescentes do Estudo....	48
2.3.1 A clientela da Unidade Escolar.....	51
2.3.2 A Caracterização do espaço físico da escola.....	52
Capitulo III. Análise dos Dados.....	54
3.1 Resultado da análise de Dados.....	55
3.1.1 Família.....	56
3.1.2 Doença.....	62
3.1.3 Relações Intergeracionais.....	67
3.1.4 Longevidade e Expectativa de vida.....	72
3.1.5 Aparência Física.....	75
3.1.6 Direito.....	82

Considerações.....	87
Referências Bibliográficas	93
Anexos.....	100
Anexo 1- Folhas Colorida Rosa.....	101
Anexo 2-Folha colorida Laranja	102
Anexo 3- Folha Colorida Amarela	103
Anexo 4-Fotografia da Etapa 1.....	104
Anexo 5- Fotografia da Etapa 2.....	105
Anexo 6- Fotografia da Etapa 3.....	106
Anexo 7- Fotografia do Resultado da Dinâmica.....	107
Anexo 8- Termo de Consentimento.....	108

Introdução

A vida tem seu próprio trajeto, seu compasso e, às vezes, na ânsia de viver intensamente, acabamos por deixar que as coisas que realmente importam percam o sentido; outras vezes, percorremos caminhos diferentes daqueles que deveriam ser os mais lógicos e, quando nos damos conta, esse caminho apenas complementou o anterior, sem que tivéssemos percebido.

Dizem que o tema de pesquisa sempre tem a ver com a história do pesquisador. O meu, não só tem a ver, como também faz parte da minha própria história de vida e do meu dia a dia.

A minha vida pessoal e a minha carreira profissional têm sido assim: percursos diferentes que, no final, me levam a um único lugar, sendo que nada foi proposital; pelo menos, é o que eu pensava até iniciar essa trajetória, esse (per)curso. Minha história inicia-se como a de muitas outras pessoas descendentes de outras regiões (nordeste, norte, sul, centro-oeste) do país, que vêm em busca de uma vida melhor na grande metrópole, São Paulo.

A partir dos encontros e desencontros de duas pessoas, meus pais, que vieram em busca de uma vida melhor nesta grande metrópole, nasce também a minha “própria” história de vida; eu diria que, além disso, foi pelo “desencontro” de ambos. Digo desencontro, porque meus pais em certo momento da vida se separaram e a partir daí, nossas vidas e principalmente a minha tomaram outro caminho, como acontece sempre em casos de separação, seja ela qual for. Um caminho de aprendizados rápidos, às vezes árduo, mas principalmente com um amadurecimento célere.

Recordo-me de uma infância com muito amor, educação, cultura e, principalmente, no que se diz ser e ter uma família, a minha memória traz lembranças alegres da proteção que tinha de todos que me rodeavam, de modo que a separação de meus pais e a ausência de meu pai não me afetou muito naquele momento da vida.

Aprendi que, para se vencer na vida, é preciso estudar e ter educação. Sempre me disseram que ela era a chave que me levaria aonde eu quisesse. A educação entrou em minha formação desde minhas primeiras lembranças. Mesmo com um pai zelador semi-analfabeto e uma mãe doméstica analfabeta (termos utilizados na época), ela, a minha mãe, sempre me estimulou a estudar; minha mãe, minha madrinha e meu padrinho, diziam que só através da escola (educação) é que chegaria a algum lugar: “poderiam me tirar tudo, menos a educação e o conhecimento”, diziam.

Havia em minha vida dois núcleos familiares: o sangüíneo e o da família dos patrões da minha mãe, que carinhosamente chamo de família do coração; essa família colaborou para a minha formação como cidadã ativa na sociedade em que vivo.

As minhas duas famílias tinham coisas em comum, apesar das diferenças culturais e educacionais. Me chamava a atenção a quantidade de pessoas idosas em ambas. Éramos poucas crianças para muitos adultos e idosos. Instruíram-me muito cedo a respeitar os mais velhos e a entender as diferenças que a idade vai impondo.

Cresci ao lado de idosos que me estimulavam o tempo todo para que fosse uma criança feliz e com uma boa educação, não apenas a de ler e escrever, mas que me proporcionasse melhores condições culturais, profissionais, pessoais e, principalmente, para que me tornasse uma pessoa melhor.

O envelhecimento sempre me pareceu um processo natural e a velhice, uma consequência de viver muito, ter o que contar e ensinar para os mais jovens. Fui crescendo, amadurecendo e observando a minha família, os amigos, a minha própria vida, enquanto chegava a hora de escolher uma profissão; terminei o ensino médio com uma formação técnica em Administração e logo depois era chegada a hora de ir para a Universidade.

Na graduação, resolvi cursar psicologia e, de repente, a questão do envelhecimento veio ao meu encontro, com a minha realidade pessoal, visto que em minha família a maioria das pessoas já tinha sessenta anos ou mais, com exceção de meus pais, embora ambos já tivessem idades avançadas quando eu nasci.

Quando terminei o curso de psicologia, tinha claro que gostaria de atuar com idosos. No entanto, as perspectivas profissionais me levaram a ser professora em uma escola estadual na zona leste, periferia do Estado de São Paulo.

Nos primeiros seis meses de trabalho atuava apenas com alunos adolescentes e continuava a estudar questões do envelhecimento, com um grupo de pesquisa coordenado pela professora Dr^a Ana Zahrá Bassit. Depois de um ano, fui dar aulas para alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos), com faixa etária entre 28 e 68 anos. A maioria dos alunos que freqüentava esse curso era e é de idosos. Me chamava a atenção a relação de idosos e adolescentes em uma mesma sala, na qual os adolescentes demonstravam um tratamento com os idosos muito diferente daquele que eu havia aprendido. Observando-os, passei a me perguntar sobre a relação entre os idosos e os jovens de hoje. Qual será a visão que o adolescente tem do idoso?

Certo dia, em uma conversa informal com um aluno de 66 anos, percebi que a minha inquietação em relação à educação, ao envelhecimento e as relações intergeracionais não era apenas questão minha, mas uma realidade presente nas poucas palavras de meu aluno, ao relatar a sua história. Ao ouvi-lo, revi também a minha vida e me questioneei sobre o envelhecimento.

Trabalhar com adolescentes e idosos me fez refletir sobre o comportamento dos primeiros em relação à velhice: o que eles pensam, visto que muitos são cuidados por avós e não se dão conta da importância deles na família e na sociedade, perceptível nas reuniões de pais, onde os responsáveis pelos adolescentes normalmente, são os avós. Os idosos, ao se referirem ao adolescente,

são carinhosos, procurando orientá-los quanto às responsabilidades com a clara intenção de ajudá-los a evitar erros que poderão ser irreversíveis para o seu futuro ou lhe trarão sofrimentos desnecessários.

Desta forma, passei a reavaliar as minhas ações no dia a dia como professora e, principalmente, perante a vida e resolvi investigar aquilo que me inquietava, realizando uma pesquisa científica com a finalidade de apontar mais uma situação onde o envelhecimento não vem tendo a atenção merecida.

Parto do pressuposto de que o envelhecimento é um fenômeno comum a todos os seres vivos, mas ainda hoje é possível observar as dificuldades do homem em lidar com esse processo. Começamos a envelhecer desde a nossa concepção e só terminamos com a morte. Durante esse processo, passamos pela infância, puberdade, maturidade e velhice, identificadas através de marcadores biopsicossociais que estabelecem a divisão entre as mesmas.

Papaléo Netto (2007b: 35) descreve o envelhecimento como um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam a perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de patologias que podem levá-lo a morte.

Para Timiras o envelhecimento é

Uma fase da vida que começa em algum período indeterminado, que segue a maturidade e se caracteriza pelo declínio progressivo da capacidade funcional e pelo aumento da suscetibilidade a doenças, o que termina por levar à morte. (TIMIRAS *apud* PAPALÉO NETTO, 2007b:29).

As manifestações da velhice, caracterizadas por redução da capacidade funcional, calvície, cabelos brancos, entre outras, associam-se a perdas dos papéis

sociais, solidão, perdas psicológicas e motoras e/ou psicossociais. Porém, não há uma consciência clara de que por meio das características físicas, sociais, psicológicas, culturais e espirituais se pode anunciar o início da velhice. Em definir a velhice, a dificuldade talvez esteja nas diversas maneiras de como a sociedade vê o idoso.

Quando é, então, que uma pessoa se torna velha? Aos 50, 60, 70 anos? De acordo com Veras (1996: 384), a velhice é um termo impreciso e a sua realidade, difícil de perceber. Nada se altera mais do que os limites de velhice, em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social; portanto, não é possível estabelecer conceitos universais e terminologias, pois cada época e lugar dão um sentido à velhice de acordo com os seus valores e necessidades.

É aceitável dizer que a velhice é resultante de um conjunto de fatores sociais, culturais e demográficos. Em nossa sociedade, o velho é ainda, predominantemente, associado a perdas e referências de menor valia, em oposição à modernidade, produtividade e eficácia.

A idéia de juventude é reforçada constantemente pela mídia e associada a avanços da tecnologia cosmética e da cirurgia estética, pois estimulam a minimização de sinais que denunciam o envelhecimento e evidenciam o sujeito como velho.

O aumento da população idosa no Brasil e no mundo é hoje uma realidade incontestável, fruto de quedas significativas nas taxas de mortalidade e de fecundidade, associadas à introdução de novas tecnologias na área médica, o que vem contribuindo de forma relevante para o aumento da longevidade. As demandas geradas por essa nova realidade trazem consigo enormes desafios e implicações sociais complexas que já se fazem sentir no cotidiano.

Diante da situação do idoso na atualidade, torna-se questionável o entusiasmo em se acrescentar anos a uma vida sem qualidade, demandando uma reflexão sobre: como a sociedade irá absorver essas pessoas mais velhas? Como será a convivência com esses cidadãos, cujos direitos devem ser atendidos? Apesar das políticas públicas existentes, o idoso continua sendo discriminado, o que torna relevante utilizar os recursos culturais e educacionais como possibilidade de transformação.

Se o papel da educação escolar é, “vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”, conforme descrito na Lei nº 9394, inciso 2º, de 1996, como será que a escola tem atendido especificamente às questões relacionadas à velhice e ao envelhecimento?

Como professora de uma escola pública da zona leste de São Paulo, e de uma mesma turma há cinco anos, passei a atentar para a relação que estabelecem com a velhice. Decidi que seriam os sujeitos indicados para a minha pesquisa sobre a visão dos adolescentes em relação aos idosos e ao processo de envelhecimento.

Deste modo, iniciei uma busca pela melhor forma de realizar o estudo e encontrei uma pesquisa realizada com jovens manauenses e a visão deles sobre o envelhecimento e a velhice, de MARTINEZ, Y. L. H. das N. Dissertação de Mestrado, apresentada a PUC-SP, em 2007, no qual a autora trabalhou a aplicação de um questionário.

Sendo assim, resolvi também investigar sobre a visão que o meu aluno da periferia da cidade de São Paulo tem sobre a velhice e o envelhecimento. A proximidade propiciada pelos anos de convivência facilitou o diálogo e a troca; a melhor forma de saber da visão deles sobre a velhice foi através de uma conversa informal, após aplicar uma dinâmica de grupo, em uma aula, na qual o tema era *envelhecimento*. A dinâmica de grupo foi a forma que encontrei de alcançar meu objetivo principal.

Assim, a investigação aqui apresentada versa sobre o olhar do adolescente estudante do Ensino Médio, da zona leste da cidade de São Paulo, sobre o processo de envelhecimento, a velhice e a interferência da educação nessa visão.

Esta dissertação é composta pela introdução e três capítulos. No primeiro capítulo, discuto sobre a adolescência e seus significados; os adolescentes da pesquisa, o envelhecimento e a velhice; como se dá tal processo e a função da educação na formação dos adolescentes.

No segundo capítulo, apresento os percursos metodológicos da pesquisa, composto por: referencial teórico metodológico, os procedimentos da pesquisa, a comunidade a que pertencem os adolescentes do estudo, a clientela da unidade escolar e a caracterização do espaço físico da escola.

No terceiro capítulo, apresento as categorias de análises dos dados coletados durante a realização da dinâmica de grupo e os resultados a que chegamos.

Encerro apresentando as considerações finais, através das observações feitas durante a realização da dinâmica, e exponho o que mais me chamou a atenção durante o trabalho. Assim, ainda faço uma reflexão sobre o estigma da velhice.

Quando olhamos por alto as pessoas, ressaltam suas diferenças: negros e brancos, homens e mulheres, seres agressivos e passivos, intelectuais e emocionais, alegres e tristes, radicais e reacionários.

Mas, à medida que compreendemos os demais as diferenças desaparecem e em seu lugar surge a unicidade humana: as mesmas necessidades, os mesmos temores, as mesmas lutas e desejos. Todos somos um.

Joyce em *Finnegan's Wake*

Capítulo I

Contextualização do Tema

Neste capítulo, primeiro procurarei explicitar o olhar adotado para a etapa da vida designada como adolescência; em seguida, a velhice e o envelhecimento serão objeto de reflexão, visto que o estudo aqui proposto foca o adolescente frente a esse tema. Por último, a escola, cenário onde os sujeitos da pesquisa se pronunciaram.

1. A Adolescência

Adolescente, olha! A vida é nova...

A vida é nova e anda nua
-vestida apenas com o teu desejo.

Mário Quintana

Afinal, o que é ser um adolescente ou estar na adolescência? Esta é uma questão recente, acadêmica e urbana. O adulto discrimina o adolescente por seus pensamentos e ações que, por vezes, ultrapassam os limites impostos pela sociedade. O adolescente, por sua vez, olha com pouco caso para as regras que a sociedade lhe impõe e não se reconhece em uma denominação que lhe é estranha.

Há semelhanças entre todos aqueles que se encontram nesse período de transição e emoções intensas, que fazem com que denominemos a adolescência. Para o adolescente, esse é um período muitas vezes caracterizado por uma crise de identidade, na qual se debate entre questionamentos relativos a seu corpo, valores existentes, escolhas que deve fazer, o seu lugar na sociedade etc.

O adolescente se afasta da identidade infantil e vai construindo pouco a pouco uma nova definição de si mesmo. É um período de reorganização pessoal e social, que se inicia, na maioria das vezes, com contestações, rebeldias, rupturas, inquietações, às vezes transgressões, para desembocar numa reflexão sobre os

valores que o cercam, sobre o mundo e seus fatos, e sobre o seu próprio existir no mundo.

É um período de passagem do mundo infantil para o mundo adulto. A amizade, o amor, o trabalho, a escola, a família e o projeto de vida constituem-se em grandes questões, no qual se pergunta sobre: Como sou? Quem sou eu? Qual o meu valor? Quem me valoriza? O que quero? O que quero ser?

Nesse processo, é possível observar que o adolescente vai se transformando e começa a assumir uma identidade, na qual vai se formando e tendo a necessidade de arranjos na sociedade em que vive.

Com a finalidade de entender melhor a questão da adolescência, é interessante olharmos para o processo histórico da definição da mesma, do que, falarei brevemente.

A adolescência foi concebida como uma categoria geracional, reconhecida socialmente, academicamente e até economicamente na era industrial. Portanto, é uma divisão moderna que obteve seu reconhecimento, especialmente, quando a educação formal, um dos principais projetos da modernidade, ficou sob a submissão e o controle do Estado.

A partir desse momento, crianças e adolescentes passam a ter o direito e o dever de ficarem na escola e a escolarização, como consequência, estabeleceu um método de divisão entre os seres adultos e em formação. Peralva (1997) aponta em seus estudos, uma espécie de ordem hierárquica, baseada nas relações entre as etapas em que se constitui a vida.

Devido a essa ordem hierárquica, a infância e a adolescência tornaram-se representantes do presente, cabendo ao passado, ou seja, aos adultos e à ordem

por eles constituídas o papel de reprimir os seus elementos de transformação. Assim, a educação se tornou o embasamento para o ordenamento do mundo moderno, que ocorre de cima para baixo, das classes dominantes para as populares, dos adultos para as crianças e adolescentes.

Segundo Kett (1993), as teorias sobre a adolescência se basearam, na sociologia, na psicologia, na medicina e na pedagogia. Os adolescentes se tornaram, desde o início do século XX, uma faixa etária delimitada, que vive uma fase da vida sem que o indivíduo possua grandes responsabilidades, sendo tutelados pelos pais e/ou pelo Estado.

Os aspectos sociais, econômicos e políticos que inventaram, descobriram e desenvolveram a adolescência inevitavelmente produzem significados, imagens e representações ambíguas do jovem nessa faixa etária. Giroux (1997) comenta que ao mesmo tempo em que o adolescente é colocado às margens do poder político e abordado como um problema social ou uma ameaça a si próprio e à sociedade, é vinculado à violência, as drogas e a uma sexualidade irresponsável; ao mesmo tempo, o adolescente também é foco de encanto e desejo dos adultos, símbolo de esperança, expectativa e futuro.

Os anseios ambivalentes perante à adolescência produzem certa dificuldade em se apreciar os adolescentes como capazes de construir ações significativas no campo social, contribuindo, assim, ativamente para a solução dos problemas sociais.

No entanto, é preciso prestar a atenção na competência crítica, social e política que o adolescente desenvolve a cada dia, formando-o um cidadão de direitos, deveres e, acima de tudo, com idéias e concepções acerca do mundo em que vive. Faz-se necessário pensar educacionalmente na preparação para os desafios sociais.

No intuito de aprofundar a reflexão sobre a adolescência, optei por consultar ainda outros autores.

Ao tentar traçar um perfil do adolescente que irei trabalhar nesta pesquisa, me perguntei: Quem é este adolescente? Quais são suas características? Este adolescente é diferente dos demais?

Ferrigno (2006: 17) chama a atenção para as determinações culturais nas atribuições das etapas da existência humana, ao longo da história. Além disso, pertencer a uma mesma geração determina certos pensamentos e comportamentos. Para o autor, esta condição implica na divisão territorial e de atividades em razão da idade dos indivíduos, que surgem no final do século XVII, por meio da escolarização das crianças.

Assim, a institucionalização da escola demarca estágios para as idades: a adolescência é um termo cunhado por Stanley Hall, no fim do século XIX (Feartherstone, 1998).

Desta forma, a adolescência é então, uma das etapas do desenvolvimento humano caracterizada por alterações físicas, psíquicas e sociais, sendo que estas duas últimas recebem interpretações e significados diferentes dependendo da época e da cultura em que está inserida. É um período de transição entre a infância e a fase adulta que em condições normais, é deflagrada pela puberdade englobando a ação do meio, as vivências anteriores, assim como as que vão ocorrendo durante o próprio processo de mudança.

Hall (1904) define esse período como sendo de “tempestades e stress”, posto que conflitos nesse período sejam considerados normais. É possível ainda encontrar em outros marcos teóricos a idéia de crise como algo inerente ao crescimento, sendo o seu sentido de certa forma benéfico. É como o de sair fortalecido da crise ou de crescer com ela.

Mead (1979) atribui o comportamento do adolescente ao meio cultural ao qual ele pertence. Não é universal e, sim, particular a cada contexto. Seus problemas também não são ligados à natureza humana, mas dependem de pautas culturais.

Perez (1997), destaca que a adolescência é uma crise que passa com a idade, onde o normal é ser “anormal”, o que pode levar a um viés, supervalorizando problemas que nem sempre são importantes e, na maioria das vezes, se refere a comportamentos ligados a horários, vestimentas e minimiza outros, que podem ser indicativos importantes de patologias.

Sendo assim, não é possível pensar no indivíduo sem levar em conta a sociedade em que vive, nem tão pouco desconsiderar as atitudes e comportamentos daqueles que a compõem. Os sentimentos de pertencimento grupal, sendo peculiares, exigem um olhar detalhado do pesquisador (Ferrigno, 2006).

Ferrigno assim descreve o adolescente urbano, nos dias atuais:

Os adolescentes parecem especialmente motivados a formar grupos de amizade compostos por indivíduos de mesma idade ou de idade bem próxima. Aliás, nas décadas mais recentes, parece estar havendo uma ênfase maior na formação de grupos com idéias, valores e hábitos bem semelhantes, fato que explica a significativa profusão das chamadas “tribos juvenis”, identificadas já na aparência, por meio dos trajes e adereços. [...] Entre os jovens há, portanto, uma grande variedade de estilos e de filosofias de vida, sem falarmos das muitas e complexas combinações desses estilos. Certamente há muita coisa a ser estudada sobre esses novos e cada vez mais diversificados comportamentos da juventude, principalmente nos grandes centros urbanos. (Ibidem:10;20)

No espaço escolar, a convivência dos adolescentes com seus pares está em primeiro lugar; em segundo está com professores e funcionários da escola, sendo este segundo apenas quando ocorre uma identificação do adolescente com professores e funcionários. O adolescente parece estar sempre motivado a formar

grupos compostos de indivíduos da mesma idade ou bem próxima, o que torna possível observar. Os grupos, normalmente são formados por jovens com idéias, hábitos e valores parecidos.

Sendo assim, é possível apurar que o processo da adolescência não é um acontecimento isolado e sofre alterações do meio social, já que é notório que a sociedade influencia e determina grande parte do comportamento dos adolescentes. Na adolescência, o grupo ganha importância, pois parte da dependência que antes se tinha com a família passa para ele.

É importante ressaltar a importância que a família exerce na formação do jovem, visto que é ela que proporciona uma vida com educação, amor, segurança, valores morais, sociais, para que o mesmo tenha uma boa convivência familiar ou em qualquer grupo social, respeitando as pessoas e, principalmente, os mais velhos.

As desavenças familiares existem. No entanto, é preciso tomar cuidado para que elas não causem instabilidade na família e, principalmente, na formação do adolescente, um ser considerado frágil por falta de vivência e experiência. Um adolescente frágil torna-se uma presa fácil para as drogas, um problema que tem sido uma preocupação constante entre pais, educadores e para a sociedade como um todo, que tem assistido frequentemente sobre este tema nos programas de televisão e lido em artigos de revistas, jornais etc. Infelizmente, essa trágica situação passou a fazer parte do cotidiano do jovem de hoje

Segundo Martinez (2007), nas décadas de 70 e 80 os jovens eram considerados agentes de transformação de uma sociedade em crise ou em processo de modernização, o que rotulava o adolescente como revolucionário. Era visto como uma esperança de se mudar o contexto social vigente. Hoje, os jovens parecem apáticos e conformados diante das situações cotidianas.

Piaget (1997) observa o comportamento do adolescente e descreve-o como sendo um grande incremento nas habilidades cognitivas, o que pode levar a conflitos, posto que o indivíduo tenha acrescido também a razão, a necessidade de competição e a habilidade de teorizar em termos adultos o pensamento formal e o pensamento abstrato. Neste contexto, e após observar os vários conceitos acerca dos adolescentes, questiona-se: qual a idade que o jovem passa a ser considerado adolescente?

Para a OMS (Organização Mundial de Saúde), adolescente é o indivíduo que se encontra entre os dez e os vinte anos de idade. No Brasil, o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) estabelece como adolescente o jovem que está entre doze e dezoito anos de idade.

Nas sociedades modernas, ditas civilizadas, o que se observa é um prolongamento da fase da adolescência, que varia entre 12 e 21 anos, em geral. Segundo Aberastury e Knobel (1981), a adolescência significa a condição ou o processo de crescimento. O termo se aplica especificamente ao período da vida compreendido entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo, cujos limites se fixam, geralmente entre os 13 e os 21 anos de idade.

Souza (2003) enfatiza que a adolescência deve ser vista como uma categoria histórica, separada do universo econômico e sociocultural em que se encontra, pois o comportamento jovem deve ser considerado dentro de um contexto global. Ela ainda comenta que o jovem se encontra ultimamente no núcleo de numerosos fatores institucionais e sociais, que funcionam como forças modeladoras das respostas juvenis à pressão da sociedade. De acordo com a autora,

A juventude não é um bloco homogêneo, mas uma categoria segmentada: estudantes e não estudantes, trabalhadores e não trabalhadores, homens e mulheres, moradores das grandes e pequenas cidades (ou ainda da zona rural). Deste modo, a condição juvenil varia não apenas de sociedade para sociedade, como também dentro de uma mesma formação social ao longo do tempo, de grupo para grupo ou de classe para classe. (SOUZA, 2003: 46)

Neste trabalho, adotaremos o período descrito pelo ECA, visto que investigaremos o adolescente brasileiro.

O adolescente que iremos investigar, neste trabalho, faz parte da periferia do extremo da zona leste da cidade de São Paulo: estudantes de uma escola pública, do bairro do Itaim Paulista, uma região de precariedade sócio-econômica.

2. O Envelhecimento e a Velhice

A OMS (Organização Mundial da Saúde) classifica o idoso como sendo aquele que tem 60 anos ou mais, nos países em desenvolvimento, e a partir dos 65 anos, nos países desenvolvidos.

A classificação etária do idoso visa atingir os aspectos relativos à proteção social oferecida ao cidadão, segundo o país em que se encontra, levando-se em conta a situação que esse idoso viveu na infância, juventude e maturidade.

No Brasil, nos últimos anos, o envelhecimento e a velhice vêm ganhando cada vez mais visibilidade, não só pela quantidade de velhos que o país passou a ter, mas mais pelo reposicionamento destes frente aos direitos como cidadãos.

O Brasil, por ser, até então, um país de jovens, demorou a encarar esta realidade. O idoso é visto de forma preconceituosa e estereotipada, como frágil, improdutivo, passivo, incapaz, doente, entre outros adjetivos que salientam aspectos relativos a perdas.

Atualmente nos deparamos com um novo perfil de idoso no que diz respeito a questões relacionadas ao bem estar geral. Esta condição chama a atenção para a importância do auto- e da qualidade de vida, aliados a tecnologia médica que ampliou as possibilidades de se viver mais e melhor.

Hoje é possível observar que os idosos trocaram as cadeiras de balanço pelo balanço do ônibus, trem, não mais exclusivamente para trabalho, mas também para lazer. As viagens a passeio, os bailes da terceira idade, as atividades físicas nas academias, em parques, demonstram que querem continuar a viver ativa e produtivamente.

Vejamos a seguir como se dá o processo de envelhecimento e da velhice, segundo reflexões de estudiosos da área.

2.1 O Processo de Envelhecimento e a Velhice

Messy (1993:13) descreve o envelhecimento como sendo: “Um processo que se inscreve na temporalidade do indivíduo, do começo ao fim da vida. É feito de uma sucessão de perdas e aquisições (...)”. E considera ainda que é um “Processo normal, é a expressão da temporalidade da pessoa, adere à história de sua vida. Envelhecemos como vivemos, nem melhor, nem pior” (Ibidem:16).

Seguindo este raciocínio, é correto afirmar que, após sermos gerados, amadurecemos e, conseqüentemente envelhecemos para que possamos nascer; depois, passamos pela infância, adolescência, juventude, sempre tendo o desenvolvimento associado a mudanças. Esse processo é contínuo. Geralmente, só nos damos conta quando chegamos a determinada idade e vemos que os anos se passaram.

Erikson (1987), também afirma que o desenvolvimento humano ocorre por um processo evolutivo baseado em uma sequência de eventos biológicos, psicológicos e sociais, experimentados universalmente. Para ele, este desenvolvimento pode ser observado a partir de ciclos vitais:

Sempre que tentamos compreender o crescimento, vale à pena recordar o princípio epigenético, que é derivado do crescimento de indivíduos in útero. Algo generalizado, esse princípio afirma que tudo o que cresce tem um plano básico e é a partir desse básico que se erguem as partes ou peças componentes, tendo cada uma delas o seu tempo de ascensão especial, até que todas tenham, sido levantadas para formar então um todo em funcionamento. (ERIKSON, *apud*, AGRESTE, 2007)

Para Cavalcanti (1998), o envelhecimento é um processo biopsicossocial, que se inicia com o nascimento. Este enfoque se baseia no fato de que o envelhecimento varia em cada órgão, sistema do corpo humano e de pessoa para pessoa.

O mesmo autor afirma que o envelhecimento é um processo natural e dinâmico. No entanto, é preciso levar em consideração aspectos físicos, sociais, econômicos e ambientais que interferem diretamente na qualidade de vida.

Seguindo o raciocínio, o envelhecimento fisiológico vem seguido de alterações psicológicas, sociais e existenciais, que constituem o indivíduo por completo e que variam de pessoa para pessoa.

Beauvoir descreve o envelhecimento da seguinte forma:

O envelhecimento tem uma dimensão existencial, como em todas as situações humanas, pois modifica a relação do homem com o mundo e com a sua própria história. Dependendo da história, o envelhecimento é variável em tempo e espaço. (1990: 10)

Neste sentido, a autora reafirma que o envelhecimento biológico caminha lado a lado com as transformações psicológicas e as influências sociais.

Ruth Lopes descreve que esse processo acontece da seguinte forma: “O processo de envelhecimento se situa dentro da questão da complexidade, velhice não é somente um fenômeno biológico, mas também um fato cultural, social, existencial e psicológico”. (2000: 39- 40)

A diferença que podemos notar no processo de envelhecimento se dá pela herança genética e pelas condições de vida e trabalho a que o sujeito esteve submetido. Num país como o Brasil, marcado por tantas desigualdades sócio-econômicas, o segundo aspecto tem lamentável destaque.

Ruth Lopes ainda chama a atenção para o papel das políticas públicas frente a esse cenário.

O estado de saúde do idoso tem a ver com fatores como saneamento, nutrição adequada, moradias confortáveis e escolaridade, o que já implica na complexidade deste processo, que se deve articular com a complexidade ainda maior, prevista na idéia de promoção de saúde. (Ibidem: 40)

Assim, o envelhecimento pode ser visto como um processo natural e dinâmico, onde a velhice não é sinônimo de doença. No entanto, é necessário levar em consideração as condições que acompanham a velhice e refletem na qualidade de vida, pois podem alterar esse processo em seus aspectos biopsicossociais.

O envelhecimento é também identificado como um processo de declínio das condições de vida do indivíduo. Este pensamento marca a velhice como sendo também, o momento das perdas. Néri apresenta o envelhecimento da seguinte forma:

(...) o processo de mudanças universais pautado geneticamente para a espécie e para cada indivíduo, que se traduz em diminuição da plasticidade comportamental, em aumento da vulnerabilidade, em acumulação de perdas evolutivas e no aumento da probabilidade de morte. (2001: 69)

Esta forma de conceituar o envelhecimento é marcada pelo declínio do sujeito, o que nos leva a pensar sobre sua maneira de se manifestar nas diversas dimensões (biopsicossociais) formadoras do homem, que são constituídas das vivências particulares de cada um.

O declínio biológico sofre interferência dos hábitos de vida de cada pessoa, devido sua alimentação, atividade física, exposição às condições climáticas etc. No entanto, cada órgão do corpo humano vai envelhecendo em seu próprio ritmo, decorrente das características de cada um e de seus hábitos.

Papaléo Netto explica que o início da velhice não pode ser fixado, mas afirma que se manifesta pelo declínio das funções dos diversos órgãos, que tende a ser linear em função do tempo. Segundo o mesmo autor, a definição que melhor atende aos aspectos do envelhecimento é:

Aquele que conceitua como um processo dinâmico e progressivo, no qual ocorrem alterações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas. Tais mudanças determinam perda progressiva da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de patologias que terminam por conduzir a morte. (2007: 29)

Assemelha-se a idade psicológica com a biológica devido à relação que existe entre a idade cronológica e as capacidades, como: percepção, memória e aprendizagem, que prenunciam o potencial futuro de funcionamento do sujeito, segundo Papaléo Netto (2007). O mesmo autor ainda chama a atenção, ressaltando que

A idade psicológica se relaciona também como senso subjetivo de idade, isto é, com o modo como cada pessoa avalia a presença de marcadores biológicos, sociais e psicológicos do envelhecimento, comparando-se com outros indivíduos de mesma idade. Sob este aspecto não é raro o encontro de idosos que procuram passar a impressão de que sua idade psicológica é menor que a cronológica, e com isso, buscam preservar a auto-estima e a imagem social. (2007: 34)

Sendo assim, psicologicamente, o declínio ocorre conforme a maneira com que a pessoa lida com as emoções, seu autoconhecimento e suas reações frente às adversidades com que se depara no decorrer de sua vida.

Sob o aspecto sociocultural, o declínio varia de acordo com cada momento histórico, pois é ele que determina o que cada sociedade considera como “declínio” para o indivíduo.

Como resultado desse processo, a velhice se apresenta como uma fase avaliada por características próprias e peculiares, com dificuldades e facilidades que se relacionam em diferentes momentos, e caracterizam a trajetória de vida das pessoas.

Considerar a velhice apenas como uma fase de declínio da vida, associando-a aos cabelos brancos, rugas, diminuição das atividades motoras, é reduzir a perspectiva de adaptação e potencial de criatividade dos sujeitos frente às alterações fisiológicas.

Na velhice, perder algumas habilidades é inevitável. Neste sentido, Messy comenta: “o que é perdido, o é para sempre, nenhuma aquisição substitui a perda” (1999: 22).

A velhice também é marcada como um acúmulo de experiências vivenciadas pelo idoso, que podem ser utilizadas para uma vida melhor para si e para a

sociedade na qual está inserido. Guedes (2006: 19) chama a atenção para o fato de se “transformar essas vivências e conhecimentos em sabedoria, desta forma coloca o idoso em uma posição singular em relação às crianças, jovens e adultos”.

No entanto, a sociedade moderna, de rápidas mudanças tecnológicas, raramente aproveita as experiências do idoso. Transmitir conhecimento ou manter a memória histórica para os mais jovens é visto como uma atividade obsoleta; despreparo que a sociedade tem com esta etapa de vida é um convite à marginalização dos mais velhos.

Para Bosi (1995: 18), “ser velho em nossa sociedade é lutar para continuar sendo homem”. E Beauvoir (1990: 15) afirma que “o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice como em qualquer idade, seu estado lhe é importante pela sociedade a qual pertence”.

A velhice é uma categoria construída socialmente, assim como a adolescência e a juventude. É vista e tratada de maneira diferente, conforme o período histórico e a estrutura social, cultural, econômica e política de cada povo. Por isso, essas transformações não permitem um conceito absoluto da velhice. Messy (1993: 17) descreve a velhice como sendo “um estado que caracteriza a posição do indivíduo idoso”.

E como definir então o que é ser idoso ou ser velho?

Birman assegura que

Ser idoso ou jovem não é uma questão tão simples de ser definida (...). As concepções de juventude e velhice se transformam radicalmente ao longo de nosso percurso existencial, ou seja, o que é ser jovem ou velho se modifica substancialmente ao longo de uma existência. (1995: 29)

A velhice tem sido vista e tratada de maneira diferente, de acordo com períodos históricos e com as estruturas sociais, culturais, econômicas e políticas de cada povo. Essas transformações, portanto, não permitem um conceito absoluto da velhice.

Caracterizar o idoso denota uma inter-relação entre os diversos aspectos da grandeza humana, nessa fase da vida. Essas inter-relações adquirem contornos diversos e específicos no tempo e no espaço. Assim, e tendo em vista o fato de que o contexto deste trabalho é um recorte da sociedade brasileira (adolescentes e idosos da zona leste de São Paulo), é bom termos clareza de que é uma sociedade que

(...) vem se modificando muito rapidamente, tornando-se cada vez mais complexa, heterogênea e diferenciada. Uma dinâmica societária feita de formas distintas de sociabilidade, algumas antigas e outras novas, que seguem as rápidas transformações da vida urbana; da organização de produção e de consumo; de diferenças nos usos da cidade, nos modos de fixação e mobilidade no espaço urbano e acesso a bens materiais e simbólicos em uma sociedade de consumo pujante, mas também extremamente estratificada e excludente". (SILVA TELLES, 1994 *apud* AGRESTE, 2003: 34)

O aprendizado de ser um cidadão nada mais é do que uma necessidade fundamental do homem enquanto ser individual e social.

As relações entre jovens e idosos estão sujeitos à dinâmica da vida social e cultural. Nas sociedades tradicionais, os jovens desenvolvem uma relação de fidelidade com o passado, o que é uma referência para o comportamento. Em sociedades como a nossa, em constantes transformações, os jovens, por estarem aliviados do "fardo da experiência", estão mais liberados para viverem e se adaptarem a um mundo em rápida alteração.

Aos idosos, normalmente, restam duas possibilidades: serem mais receptivos as influências dos jovens ou experimentarem a exclusão. É no espaço e no tempo em que vivem que se tecem as identidades pessoais e culturais.

Sendo a velhice um processo natural, são assombrosas ainda as concepções estereotipadas existentes nos dias de hoje, visto que o aumento da população idosa é incontestável em todo o mundo. Apesar das mudanças sociais no decorrer do tempo, a discriminação contra o idoso persiste no imaginário de grande parte da população, especialmente dos jovens, constituindo-se em sério entrave para o desenvolvimento pleno da cidadania e do respeito aos direitos humanos.

A condição de pessoas idosas é hoje escandalosa. Antes de examiná-la em detalhe é preciso tentar entender por que a sociedade se acomoda tão facilmente a essa situação. De modo geral, ela fecha os olhos para os abusos, escândalos e os dramas que não abalam seu equilíbrio; não se preocupa mais com a sorte das crianças abandonadas, dos jovens delinquentes, dos deficientes, do que com a dos velhos. Neste último caso, entretanto, sua indiferença parece a priori, mais surpreendente, cada membro da coletividade deveria saber que seu futuro está em questão; e quase todos têm relações individuais e estreitas com certos velhos. Como explicar sua atitude? É a classe dominante que impõe as pessoas idosas seu estatuto; mas o conjunto da população ativa se faz cúmplice dela. Na vida privada, filhos e netos não se esforçam para abrandar o destino de seus ascendentes. (BEAUVOIR, 1990: 265)

Com o aumento da população idosa mundial, foi indispensável se pensar em medidas e ações para enfrentar as conseqüências do envelhecimento humano. Organizações como a ONU¹ e a OMS² tiveram um papel fundamental na comunicação dos problemas relacionados ao envelhecimento mundial. (Paz, 2004)

Serafim paz ressalta que,

No Brasil, a velhice tem sido apresentada nos últimos anos pela mídia, que tem se mostrado mais ativa e intensa na divulgação e no tratamento de temas relativos ao envelhecimento e as questões dos idosos. Em nenhum outro período foram transmitidas tantas matérias jornalísticas e/ou programas tratando do tema idoso e envelhecimento. Agora já não são só as notícias sensacionalistas que fazem a velhice entrar em cena. (2004: 243)

¹ Organização das Nações Unidas.

² Organização Mundial de Saúde.

Os idosos não faziam parte da cena do cotidiano brasileiro até as décadas de 1960-1970. Pouco havia nesse cenário, apenas organizações sociais ou entidades exclusivas de idosos, como: INPS- Instituto Nacional de Previdência Social, LBA- Legião Brasileira de Assistência e o SESC- Serviço Social do Comércio.

No Brasil, a primeira vez que se falou em amparo ao idoso foi na Constituição de 1988, na qual foi inserido um artigo, de número 230, que diz: “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e garantido-lhes o direito a vida”. (Constituição Federal, Art: 230, 1988)

Com esta lei, alguns direitos dos idosos foram reconhecidos legalmente, mas não foram concretizados efetivamente. Somente com a aprovação da Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994, se instituiu a Política Nacional do Idoso. No entanto, somente em 3 de junho de 1996 foi regulamentada com o Decreto de n. 1.948.

No ano de 2003 mais uma conquista foi alcançada pelo idoso brasileiro: o Estatuto do Idoso, sob a Lei n. 10.741, sancionada no dia 1º de outubro, definiu medidas de proteção as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

Jardim lembra que

O Estatuto do Idoso além de regulamentar os direitos básicos dos idosos como: saúde, alimentação, educação, trabalho, cultura, esporte, lazer, justiça, cidadania, liberdade, dignidade, respeito e convivência familiar, é um instrumento que determina obrigações as instituições sociais e estabelece penalidades para uma série de situações de desrespeito aos idosos. O documento, composto de 118 artigos, é também considerado um marco histórico e apresenta garantias legais na tentativa de assegurar a prevenção, a proteção, promoção e a inclusão dos milhões de idosos que vivem em situação de risco social. (2007: 195)

O mesmo autor ainda ressalta que o idoso foi, e é, parte da história do desenvolvimento do país, fato inegável. Essa participação faz com que os idosos deixem a categoria de assistidos e passem a ocupar o papel de usuários, consumidores, gestores e executores de serviços a que têm direito.

Diante de tantas aquisições dos idosos, torna-se imprescindível que este não tenha mais uma imagem negativa junto ao adolescente e que este, por sua vez, também não venha a sofrer com o próprio envelhecimento. Sendo assim, se faz necessário discutir, debater, apresentar e trabalhar o envelhecimento e a velhice de tal forma que esse processo possa ser encarado naturalmente e com tranquilidade. Afinal, todos nós envelhecemos a cada segundo, minuto, dia etc.

Apresentamos a seguir a função da educação na formação do adolescente e da sociedade, procurando refletir sobre as perspectivas do tema a ser incorporado.

3. Formação do Adolescente: A Função da Educação

A chave

E de repente

O resumo de tudo é uma chave.

A chave de uma porta que não abre

Para o interior desabitado

No solo que inexistente,

mas a chave existe.

.....

A porta principal, esta é que abre

Sem fechadura e gesto.

Abre para o imenso.

Vai-me empurrando e revelando

O que não sei de mim e está nos Outros.
.....
E aperto, aperto-a, e de apertá-la,
Ela se entranha em mim. Corre nas veias.
É dentro em nós que as coisas são, ferro em brasa- o ferro de uma chave.

Carlos Drummond de Andrade

Enxergo a educação como uma chave. Chave que abre a possibilidade de se transformar o homem anônimo, sem rosto, em um sujeito que sabe o que pode escolher, que é sujeito participante de sua reflexão, da reflexão do mundo e da sua própria história, assumindo a responsabilidade de seus atos e das mudanças que fizer acontecer. Essa chave nos dá a possibilidade de transformar a realidade, alterando o seu rumo, provocando as rupturas necessárias e juntando as forças que garantem a sustentação de espaços onde o novo seja buscado, construído e refletido.

O Brasil é um país com enormes desigualdades e contradições. A educação se apresenta como um fator de esperança e transformação para a sociedade, não apenas permitindo o acesso ao conhecimento, à participação, mas proporcionando condições para que o indivíduo construa sua cidadania.

Serrão e Baleeiro (1999) ressaltam que falar de cidadania é falar de igualdade, oportunidades entre as pessoas, da consciência de que é possível transformar e conviver com as diferenças e que o bem estar individual passa pelo bem estar coletivo. Assim, é possível dizer que construir a cidadania exige transformações profundas na sociedade e mudança de paradigmas, a partir de uma visão ética-política, visto que tais mudanças ocorrem paralelamente nas pessoas e dentro do contexto em que estão inseridas.

Somos um povo multicultural. Podemos perceber esse fato nas grandes cidades, onde o grande fluxo migratório introduz diferentes costumes. As

peculiaridades se refletem no trabalho, participação política, social, familiar e, principalmente, nas diferentes condições econômicas. Neste complexo cenário, falar sobre educação não é uma tarefa fácil.

De acordo com Chauí (1995: 292), “(...) Uma comunidade cria a mesma cultura para todos, mas em uma sociedade isso não é possível, e as diferentes classes sociais produzem culturas diferentes e mesmo antagônicas”.

Uma comunidade ou grupo social se mantém por um processo contínuo de auto renovação, isto se dá através do desenvolvimento educacional dos membros imaturos do grupo que dá lugar a essa renovação. É através de várias ações involuntárias ou intencionais que uma sociedade transforma sujeitos, sem ou com pouco conhecimento, em seres sócio-culturais. Neste sentido, a educação é um processo que consiste em adaptar, cuidar e cultivar, o que implica na atenção às condições de crescimento.

O significado etimológico da palavra *educação* é apenas o processo de conduzir, guiar ou criar e quando pensamos nesta ação, estamos falando em educação como uma atividade de modelar, formar ou moldar o indivíduo para uma atividade de padrão social.

Paulo Freire vê a educação como uma construção e reconstrução contínua de significados de uma realidade e presume a ação do homem sobre essa realidade.

(...) ensinar não é transmitir conhecimento, conteúdos nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (...) Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996: 25)

Rodrigues (2001: 240) acredita que “educar compreende acionar os meios intelectuais de cada educando para que ele seja capaz de assumir o pleno uso de suas potencialidades físicas, intelectuais e morais para conduzir a continuidade de sua própria formação”. Para esta autora, o homem se constrói intencionalmente por meio da educação.

Segundo Oliveira (1999: 228), é preciso ver a “educação como a finalidade de um processo civilizatório e também encarada como prioridade no processo de modernização do país”. A educação não acontece como um fato isolado e também não pode ser vista apenas como um instrumento de ascensão social. Para Morin, a educação tem o papel primordial de possibilitar o sujeito à compreensão da complexidade humana, suas múltiplas variantes históricas e sociais:

Uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana. Conduziria à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, da condição comum a todos os humanos e da muito rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas (...) (2002: 61)

É possível, então, considerarmos a educação como um processo multidimensional e multideterminante, visto que é envolvida por múltiplas relações (políticas, econômicas, religiosas, sociais, etc). Esse processo ocorre de forma contínua e não pode ser vista isoladamente, em apenas um momento da vida; afinal, se apresenta em diversas situações vivenciadas pelo indivíduo, de maneira distinta em diversas fases da vida.

Desta forma, a educação formal precisa ressaltar a relação com o outro de maneira harmoniosa e saudável, afinal é este o exercício da cidadania. Freire (2000: 92) ressalta que “a prática educativa será mais eficaz quando der a possibilidade dos educandos terem acesso a conhecimentos fundamentais ao campo em que se formam as construções e compreensões críticas de sua presença no mundo”.

Nesta questão, talvez a educação não-formal seja a que melhor desenvolve a aprendizagem do aluno como sendo um cidadão. Segundo Gohn (1997), ela ocorre em quatro dimensões: primeira: a aprendizagem política dos direitos de cidadão; segunda: capacitação para o trabalho; terceira: aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários; e a quarta: é a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal.

A educação não-formal também se caracteriza por ter a intencionalidade dos sujeitos para criar ou buscar alguns objetivos por meio de ações e práticas coletivas organizadas em movimentos, organizações e associações sociais.

A importância da educação para toda a vida humana é reconhecida mundialmente, seja em um aspecto econômico, de saúde, planejamento familiar, exercício da cidadania etc. No entanto, é notório que as políticas públicas educacionais no Brasil não conseguiram ainda uma qualidade, em seu desempenho, que considere essa amplitude de possibilidades, dentre elas a relação desses aspectos com a questão do idoso. Segundo Oliveira (1999), a informação e, especialmente, a educação, exercem influência suficiente para gerar mudanças no cenário atual do idoso e, sobretudo, se direcionadas no trabalho com crianças e adolescentes.

A autora acredita ainda que a educação serve como atenuante para reduzir a discordância de valores e idéias que causam conflito entre diferentes gerações. Desta forma, a relação intergeracional, a médio ou longo prazo, poderia compor uma estratégia suplementar que seguramente contribuiria para reverter o processo social de desvalorização dos idosos na cultura e nos costumes brasileiros.

Um sujeito cômico torna-se agente de transformação e multiplicador, podendo trazer mudanças em seu entorno mais próximo, como: família e comunidade, e até em sua sociedade como um todo. Saber sobre o processo de envelhecimento de forma adequada é possibilitar ao adolescente uma educação

voltada para a sua realidade, compreendendo que essa questão também faz parte de sua vida e não apenas do idoso, afinal viver é um processo contínuo, ininterrupto, no qual a velhice é uma conseqüência inevitável.

Muitas conquistas sociais já foram alcançadas na legislação educacional. Pouco se consolidou, como os espaços para um olhar investigativo e crítico sobre o envelhecimento e, conseqüentemente, para a inclusão da Gerontologia no currículo da educação formal.

Incluir a Gerontologia no currículo da educação formal pode trazer uma mudança no olhar estereotipado que nossos adolescentes e a sociedade normalmente possuem sobre o idoso, fazendo com que, por vezes, considere a velhice como algo ruim e/ou defeituoso, pois constantemente é associada à ideia de perda, doença, dependência, improdutividade etc. Na verdade, é indispensável um conhecimento mais extenso sobre o próprio processo de desenvolvimento do homem, como, por exemplo, o entendimento das mudanças pelas quais todas as pessoas que alcançam a velhice têm que passar.

O preparo do homem é fundamental; só se viverá bem na velhice se houver uma preparação anterior, pois a vida reserva preocupações e problemas em qualquer idade, que poderão ser agravados na velhice e se não existir um planejamento pessoal e social do próprio indivíduo. [...] A educação e o planejamento para o envelhecimento, a velhice e a morte podem, provavelmente, melhorar e aperfeiçoar a qualidade de vida para todos (OLIVEIRA, 1999: 244)

Devido às dificuldades da formação escolar, torna-se difícil, e às vezes impossível, desfazer os sinais que fazem com que os idosos sejam vistos e tratados como um cidadão, depois de certa idade. Provavelmente isto ocorra devido à insuficiência ou inexistência na concepção que o adolescente recebe sobre a formação humana, em especial o que se refere à idade madura, o que deriva em preconceitos e discriminação não apenas do idoso, mas, inclusive, do diferente.

A educação servirá como atenuante para reduzir a oposição de valores e ideias que causam tensão entre as diferentes gerações. A médio e a longo prazo, uma estratégia adicional que certamente contribuirá para reverter o processo social de desvalorização dos idosos na cultura brasileira reside na busca da integração entre as gerações. (Ibidem: 261)

Sendo assim, é função da educação preparar as gerações para desmistificar essas falácias sobre o envelhecimento, construindo novas ideias e dar novos significados à velhice. O adolescente deve ser preparado para reconhecer as experiências, sabedoria, emoções dos idosos, adquiridas ao longo do tempo, conscientes de que eles estão em processo de formação e transformação. Nora Rodrigues destaca que

Espera-se que o ser humano seja capaz de conhecer o mundo que lhe antecipa na ordem da existência e reconhecer que o presente é composto de um conjunto de acontecimentos que não dependem dele para existir. Há também um conjunto de coisas que poderiam não existir, que poderiam ser diferentes do que são, que podem ser incorporados à minha vivência ou não, e de outras que guardam interesses diversos para pessoas diferenciadas. O mundo humano é diferenciado, construído simbolicamente e que, quanto mais complexo, mais aponta a distância entre o mundo humano e toda a chamada realidade inicial. (2001: 247)

A discordância entre a visão do adolescente sobre o idoso e a realidade, quem sabe, se explique pelo fato de que é comum os mais novos não se darem conta de que a velhice não começa de repente, mas é um processo contínuo e inflexível e deve ser reconhecido como tal. Assim, obter o bem-estar na velhice depende de como o jovem vive sua infância e sua adolescência, do mesmo modo também depende do apoio social que o sujeito desfruta em cada fase da vida, a respeito das intempéries próprias das experiências vividas.

A elaboração para vivenciar o envelhecimento deve ser iniciada ainda na educação básica, não apenas na conscientização de se respeitar os idosos, mas, principalmente, no que é envelhecer, condição a qual todos estão sujeitos. Freire (1996: 110) confia que a educação é a chave para a mudança de paradigmas: “é uma forma de intervenção no mundo”. A educação deve preparar o indivíduo, de

maneira que essa etapa deixe de ser encarada como sacrifício por pessoas de todas as idades e passe a ser vista como outra fase qualquer da vida, que traz possibilidades de prazeres e realizações por indivíduos de todas as idades.

A política nacional do idoso, sob a Lei n. 8.842, determina o “estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais do envelhecimento” (art. 1º, parágrafo IX). Já no artigo 10, parágrafo III, letra b, declara que compete aos órgãos e entidades públicas a inserção nos currículos mínimos, de conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimento sobre o assunto. No parágrafo VII, letra “d”, destaca a importância de “valorizar o registro da memória e a transmissão de informações e habilidades do idoso aos mais jovens, como meio de garantir a continuidade e identidade cultural”.

Um dos principais objetivos que regem essa Lei é a necessidade de ampliar o conceito de velhice e de envelhecimento para a população, de forma que se acabe com os estereótipos e conceitos negativos dessa fase, além de possibilitar uma melhor relação intergeracional. A Lei aborda a inclusão da Gerontologia e da Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores e mínimos, nos diversos níveis de ensino formal, incluindo conteúdos voltados para o processo de envelhecimento.

Nunes (2002) ressalta que os currículos assumem uma posição estratégica, já que são capazes de produzir efeitos simbólicos de grande importância: mobilizam toda a sociedade em torno da legislação educacional e das atividades escolares. Além disso, destaca os saberes de determinados grupos de especialistas em relação a outros, produzem objetos de conhecimento e projetam novas funções e papéis para os agentes institucionais, gerando e resultando também outros trabalhos.

De acordo com Lopes (2002), incluir questões sociais no currículo escolar é uma preocupação antiga e data dos anos 20. Até a década de 80 o campo curricular foi elemento de mudança instrumental de teorias americanas, centradas no funcionalismo, viabilizadas por meio de acordo entre os governos brasileiro e norte-americano.

No decorrer dos anos, muitos temas foram discutidos e incorporados nas áreas ligadas a ciências sociais e naturais, levando a difusão de novas disciplinas. Os PCNS³ incluíram, de forma flexível, essas incorporações, com a abertura de novos temas, na tentativa de adequar didaticamente o processo educacional, igualando as áreas convencionais, conforme a deliberação da LDB, visto que em seu Art. 26 consta que

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter a mesma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. (1996: Art. 26)

Já em seu primeiro artigo, a LDB deixa claro o alcance da educação:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (1996: Art. 1º)

O artigo acima fala de um currículo oculto, no qual objetiva-se atender os princípios e fins da Educação Nacional, descrito, também no artigo 2º:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o

³ Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecem as normas para se tratar os temas transversais com os alunos.

pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Esta mesma lei tem dois artigos específicos para o Ensino Médio, sendo eles 35 e 36, que descrevem a finalidade e o currículo do mesmo, que vão de encontro aos PCNs, onde pode-se ler que

A escola não muda a sociedade, mas pode, partilhando esse projeto com segmentos sociais que assumem os princípios democráticos, articulando-se a eles, constituir-se não apenas como espaço de reprodução, mas também como espaço de transformação.

Para Souza (2003:168),

Quem sabe o ensino médio venha sofrendo, com mais intensidade que os outros níveis, nas últimas décadas, as conseqüências de inexistência de um projeto educacional claro, transformou-se num curso sem identidade, que não prepara nem para o trabalho, nem para a universidade, nem para uma vida social solidária e responsável.

Assim, na tentativa de responder e lidar melhor com as questões sociais de nosso dia a dia, as lideranças governamentais, acadêmicas e as organizações sociais vem sendo instigadas a buscar estratégias para melhorar a educação em nossas instituições de ensino.

Para Oliveira (1999, p. 230), “mesmo que a educação seja um processo constante na história de todas as sociedades, a educação se acha estreitamente ligada à ideia de homem e de sociedade que se quer determinar através do método educativo”. Assim, o autor define que a educação pode ser usada como instrumento de alienação ou libertação dos sujeitos:

A educação estabelece estreita relação com a consciência que o homem tem de si mesmo, consciência que se modifica de época para época, de lugar para lugar, de acordo com um modelo ideal de homem e sociedade. [...] Dependendo do projeto de homem e

sociedade que se deseja construir, a educação pode ser trabalhada dentro de uma perspectiva que vise alienar ou libertar os seres nela envolvidos (Ibidem: 232)

No entanto, a educação só atingirá seu papel social se for realizada de acordo com os interesses que a sociedade estabelece como condições necessárias à sua manutenção.

Durkheim (1971: 41), entende que a educação resume-se à

Ação exercida pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social, tem por objeto suscitar e desenvolver na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina.

Nesta perspectiva, o fenômeno educativo serve para mostrar ao homem que sua individualidade só é realizada plenamente através dos interesses sociais, como sinônimos de ajustamento social. Ele deve ser capaz de adaptar o indivíduo à ordem social vigente.

Para Lopes (2002: 25), a escola não muda a sociedade, mas, junto com ela não só pode constituir um espaço de reprodução, como também de transformação.

Na verdade, o ensino oferecido na maioria das escolas é mais informativo do que formativo. Souza (2003) descreve que, tanto na teoria quanto na prática, a essência do processo educacional no nível médio, que deveria ser a formação dos alunos, tem sido omissa, privilegiando o desenvolvimento de habilidades e competências.

Segundo Oliveira (1999), a educação precisa estar atrelada a um compromisso social e político, para se construir atuações com objetivos comuns, ponderando a realidade local e temporal:

O Brasil precisa entender a si próprio, com olhos e objetivos brasileiros, com as especificidades de seus valores culturais e possibilidades naturais, visando criar instrumentos que permitam a modernização real do país. A educação precisa ser considerada como a manifestação do compromisso maior da sociedade, que busca quebrar barreiras sociais, possibilitando uma real democracia, igualdade de participação e exercício da cidadania de todos os indivíduos. (1999: 228)

Diante destas considerações, é de extrema importância incluir conteúdos no currículo escolar que possibilitem ao adolescente se preparar para lidar com a longevidade. As diferenças que vivenciará no decorrer de sua vida, especificamente as referente ao processo de envelhecimento, poderá ser o resultado do aprendizado sobre o seu entorno: como os dados demográficos, se apresentam na própria comunidade. Assim, os idosos, além de adquirir visibilidade, se tornam sujeitos propiciadores da reflexão.

A própria maneira de colocar o problema já condiciona uma postura metodológica e esta, no processo, leva uma determinada construção do que é analisado. Neste processo parece infrutífero salvaguardar as possibilidades de tornarmos nosso objeto de investigação e articulá-lo com seus determinantes mais gerais, num esmiuçar de suas implicações concretas que, de fato, partam do real. A imaginação não é algo imanente, nasce em função do concreto.

Guiomar Namó de Mello

Capítulo II

Percursos Metodológicos da Pesquisa

O objetivo geral deste estudo é saber qual a visão do adolescente sobre o envelhecimento e a velhice. Assim, com o intuito de atingir a finalidade do presente trabalho, neste capítulo, caracterizarei a metodologia e o cenário delimitado para a realização da presente pesquisa.

2.1 O Referencial Teórico Metodológico

O desdém pelo envelhecimento e a velhice e a visão pejorativa que se tem dela cristalizam uma predominância, na representação individual e coletiva, de um modelo de idosos, estereotipado; um modelo preconceituoso, que vincula à velhice a doença, fragilidade, incapacidade, improdutividade, passividade, gerando a discriminação e a segregação do idoso dentro da família, da sociedade e do Estado.

Devido a minha convivência com idosos e o meu trabalho paralelamente com adolescentes, surgiu, a partir de minhas observações diárias com os mesmos, alguns questionamentos que me levaram a pesquisar sobre a visão que o adolescente tem do processo de envelhecimento e da velhice. Assim, optei por realizar uma pesquisa que apresenta um caráter exploratório de abordagem qualitativa, pois esta abordagem permite conhecermos melhor a visão do adolescente em relação à velhice, o que pode nos levar a compreender melhor essas relações intergeracionais.

A pesquisa qualitativa exploratória faz emergir aspectos subjetivos e atinge motivações não explícitas ou mesmo conscientes de maneira espontânea; estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito.

Severino (2002) comenta que a pesquisa qualitativa exige do pesquisador um envolvimento no qual o objetivo da investigação faça parte da vida do mesmo, pois deve ser uma problemática vivenciada pelo pesquisador e ter relevância nos

significados dos problemas abordados, tendo em vista a sua relação com o universo que o envolve.

Minayo ressalta ainda que

A pesquisa qualitativa responde a questões particulares, pois trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, pois corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. (2004: 21- 22)

Contudo, é preciso ressaltar que é uma construção temporária, pois leva em consideração as ações e relações humanas, em um dado momento histórico e do contexto dos fatos. Minayo (Ibidem: 22), comenta ainda que a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

Moreira lembra que

A pesquisa qualitativa é melhor apropriada nos estudos que buscam interpretar o comportamento humano levando-se em conta que o homem não é um organismo passivo, mas sim que interpreta continuamente o mundo em que vive (2002: 42- 43).

Além disso, Chizzotti (2005) elucida que a pesquisa qualitativa intercede a favor de uma lógica própria para o estudo dos fenômenos humanos e sociais, procurando os significados dos fatos no contexto real em que acontecem.

A pesquisa qualitativa norteia para:

Análise dos significados que os indivíduos dão as suas ações no meio ecológico em que constroem suas vidas e suas relações, a compreensão do sentido dos atos e das decisões dos atores sociais

ou, então, dos vínculos indissociáveis das ações particulares com o contexto social em que estas se dão. (CHIZZOTTI, 2005)

Segundo o mesmo autor, a pesquisa qualitativa, na concepção do pensamento *crítico dialético*, proporciona uma relação dinâmica entre o sujeito e o objeto, no processo do conhecimento.

A visão do homem como ser histórico e social é apoiado pela pesquisa qualitativa e assinala para o entendimento de que a realidade é subjetiva e histórica.

O conhecimento construído em pesquisa qualitativa vem sempre e necessariamente marcado pelos sinais do tempo comprometido, portanto com sua realidade histórica e não pairando acima dele como verdade absoluta. (LUDKE e MARLI ANDRÉ, 1986:)

Quando o pesquisador estuda um determinado problema, inquieta-se em verificar como ele se manifesta nas interações diárias, nos procedimentos e nas atividades co-relacionadas às situações a que se propôs investigar. Do mesmo modo, o pesquisador “deve manter uma conduta participante” (CHIZZOTTI, 2005: 82). Sendo assim, o interesse do pesquisador, na visão qualitativa, está em averiguar como o problema ocorre nas interações do cotidiano e a preocupação concentra-se no processo social, assinalando que a pesquisa está em constante movimento.

A opção por coletar os dados através da entrevista aberta se deu pelo fato de poder obter dos sujeitos informações importantes para responder ao problema da pesquisa. A vantagem da entrevista aberta é de envolver uma relação pessoal entre pesquisador e sujeito, facilitando, assim, maior esclarecimento de pontos que possam vir a ser nebulosos (Moroz e Gianfaldoni, 2002: 66).

Para Minayo,

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, [...] essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico. Através desse procedimento, podemos obter dados objetivos e subjetivos (2004: 57).

Sendo assim, foi realizada uma dinâmica de grupo com entrevista não-diretiva, pois foi uma forma de colher as informações baseadas no discurso livre do entrevistado.

Chizzotti pressupõe que

O informante é competente para exprimir-se com clareza, sobre questões da sua experiência e comunicar representações e análises suas, prestar informações fidedignas, manifestar em seus atos o significado que tem no contexto em que eles se realizam, revelando tanto a singularidade, quanto a historicidade dos atos, concepções e ideias (2005: 93).

A seguir, descreverei como ocorreu a dinâmica de grupo com os alunos, como foi a participação deles e a coleta de dados.

2.2 Procedimentos da Pesquisa

Não tenho caminho novo.

O que tenho de novo é o jeito de caminhar.

Thiago de Mello

Para a realização desta pesquisa, foram escolhidos alunos do 3º ano do Ensino Médio, com idade entre 16 e 18 anos, de uma escola do Itaim Paulista, zona leste da cidade de São Paulo.

A escolha desses alunos se deu pelo fato de eu acompanhá-los na escola, desde que estavam na oitava série do ensino fundamental, ou seja, há quatro anos consecutivos, ora como professora eventual, ora como professora efetiva da sala, o que coincidiu com meu início no mestrado e com minhas observações e meus questionamentos sobre a visão deles a propósito da velhice.

Este ano de 2009 leciono a disciplina de Parte Diversificada de Geografia, com os alunos do 3º ano do Ensino Médio. Essa disciplina tem como proposta pedagógica discutir a parte diversificada dos assuntos presentes na atualidade, ou seja, é um curso que dá a possibilidade de trabalharmos diversos assuntos presentes no cotidiano. A partir daí, a idéia de trabalhar com eles a questão do envelhecimento, através de uma dinâmica de grupo no qual todos os alunos pudessem participar de forma espontânea, a fim de expor suas concepções sobre o envelhecimento e a velhice.

A dinâmica foi realizada em um dia da semana em que a aula na turma tinha a duração de 1 hora e 20 minutos. Participaram desta dinâmica de grupo 27 alunos, sendo 12 meninos e 15 meninas.

Ao entrar na sala de aula, pedi aos alunos que fizessem um semicírculo, de forma que a parede do fundo da sala ficasse livre, pois a utilizaríamos para colar os papéis coloridos, nos quais seriam escritos “a palavra que representava para eles velhice”. Alguns alunos, mais tímidos disseram que não iriam lá à frente, colar. Então, foi explicado que todos deveriam ir, para que pudéssemos ter uma atividade diferenciada, onde todos participariam e não ficaríamos mais só na lousa, caderno e poucos participando. Após todos concordarem, iniciamos então a atividade.

Foram distribuídos três papéis⁴ de cores diferentes, sendo eles: rosa, laranja e amarela. Em seguida, foi explicado que nesta aula teríamos uma atividade diferente, onde eles deveriam colocar, primeiramente no papel rosa, a 1ª palavra

⁴ Os papéis coloridos seguem em Anexo 1, para que seja possível ver a distinção entre eles.

que viesse na cabeça deles quando se fala a palavra velhice. Os alunos demoraram, em média, 3 minutos para escrever, pois ficavam olhando um para o outro e trocando idéias. Então, foi solicitado que não trocassem informações sobre as palavras que colocariam, pois naquele momento era importante saber a opinião de cada um, individualmente.

Depois, com o papel laranja em mãos, pedi que colocassem a 2ª palavra que vinha na cabeça deles sobre a velhice. Nesta, demoraram menos tempo, por volta de 1 ou 2 minutos.

E, finalmente, com a folha amarela, deveriam colocar a 3ª palavra que vinha na cabeça deles sobre a mesma palavra, velhice.

A dinâmica foi gravada com um gravador de voz, com o consentimento da sala, para que posteriormente eu pudesse rever a atividade e, até, rever alguns dados que poderiam passar despercebidos. Foi pedido a participação de 5 alunos voluntários, que anotaram os dados que tivemos durante a realização da atividade. Os alunos anotaram da seguinte forma:

1º aluno: anotou todas as palavras que apareceram na folha rosa, em sequência, mesmo que fossem repetidas;

2º aluno: anotou todas as palavras que apareceram na folha laranja, em sequência, mesmo que fossem repetidas;

3º aluno: anotou todas as palavras que apareceram na folha amarela, em sequência, mesmo que fossem repetidas;

4º aluno: anotou na lousa as palavras paralelamente, junto com os outros, mas foi apenas colocando as vezes que estas apareciam, para que, no final da

dinâmica, pudéssemos visualizar a quantidade de vezes que uma mesma palavra foi repetida e quantas delas tinham sentido pejorativo ou não;

5º aluno: anotou tudo o que foi observado e comentado durante a dinâmica, como: olhares, gestos, palavras etc. Sendo este último item reservado para ser utilizado na análise de dados.

Após as palavras escritas nos papéis coloridos, pedi então que colassem as palavras na parede, aleatoriamente, onde quisessem. Primeiro todos colariam o papel Rosa⁵, segundo colariam o papel Laranja⁶ e, terceiro e último, o papel amarelo⁷.

No entanto, depois da primeira palavra colocada, pedi que observassem a palavra anterior, para que desse uma sequência ou significado mais próximo da sua, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Isto foi proposto inicialmente, para que, no término na dinâmica, eles pudessem ter uma visão geral de como a sala “enxergava” o envelhecimento e como havia ficado a disposição das palavras boas e ruins, distribuídas por eles, sobre a velhice.

Durante a prática da atividade, foi se comentando sobre cada palavra, o porquê da escolha dela e, algumas vezes, se ela estava associada a alguma experiência particular do aluno.

Ao final da dinâmica, perguntei ainda, como os alunos se sentiram ao realizar essa atividade, para que pudessem refletir sobre o tema.

Com as anotações do 4º aluno foi possível, ainda, no término da dinâmica, fazer uma comparação das palavras coladas aleatoriamente com as palavras que

⁵ Vide Anexo 2 (foto da primeira etapa)

⁶ Vide Anexo 3 (foto da segunda etapa)

⁷ Vide Anexo 4 (foto da terceira etapa)

estavam anotadas na lousa. Visto que os papéis eram coloridos, não dava para ter uma visão muito clara da quantidade das palavras boas e ruins expostas. Assim, eles puderam ver a proporção de palavras e pensamentos pejorativos que existem em torno do envelhecimento e da velhice.

A seguir, descreverei a comunidade a qual pertencem os adolescentes, a clientela da unidade escolar, o espaço físico em que aconteceu a atividade e em que os alunos vivem diariamente, para que possa se compreender melhor a análise dos dados obtidos na atividade.

2.3 A Comunidade a qual pertencem os Adolescentes do Estudo

A população deste bairro é, em sua maioria, pobre, carente e trabalhadora, migrante de outros estados do Brasil (principalmente, Norte e Nordeste), convivem com o crime e a marginalidade, situação comum nas camadas periféricas do Município de São Paulo, que, sem outras condições de moradia, acabam por estabelecer suas residências distantes do centro da grande metrópole.

A maioria dos adolescentes sujeitos desta pesquisa, bem como suas famílias, reside em habitações do programa do governo, CDHU⁸; outra parte desses jovens reside em casas de alvenaria, muitas inacabadas, às vezes, com o mínimo de conforto; outros, ainda, moram em barracos de madeiras e/ou de restos de construções. O estilo das construções sugere a conclusão de que a maioria dos terrenos e imóveis da região foi invadida, cercados e/ou construídos de forma ilegal, irregular ou ambos. Observa-se, também, que em algumas residências há água encanada, eletricidade, mas também é notório que foram adquiridas de forma

⁸ Companhia de Desenvolvimento e Habitação Urbana do Estado de São Paulo.

irregular. O esgoto doméstico é lançado no córrego que margeia essas casas e serve como receptor dos resíduos produzidos pelas famílias.

Na localidade em que a escola se encontra não há empresas de grande porte, nem bancos. O que se tem são pequenos comércios, padarias, mercados, quitandas, botequins, lojinhas, para atender o perfil da população local, o que obriga grande parte da população a deslocar-se diariamente. Empregos e aquisição de bens de consumo só são encontrados em outros bairros da Capital e Grande São Paulo, desprendendo assim de muitas horas do dia nas idas e voltas ao trabalho, o que implica em grande sacrifício físico.

A ausência de áreas de recreação e lazer adequadas para os adolescentes e jovens aprofunda ainda mais a instabilidade social do bairro, pois, aliada à falta de oportunidades de emprego, propicia ao adolescente o envolvimento cada vez mais cedo com a criminalidade e violência. Aos jovens, as opções de lazer oferecidas, normalmente, são festinhas particulares regadas a drogas lícitas, ilícitas e, principalmente, bebidas alcoólicas como são muitas vezes relatado informalmente pelos próprios alunos, em conversas no cotidiano da escola.

As festas realizadas por esses jovens, normalmente, são patrocinadas e aliadas a grupos que se denominam “famílias”; em um mesmo bairro, é possível se observar mais de três famílias diferentes, rivais entre si. Para que o jovem participe, é necessário que seja filiado ou convidado de algum membro pertencente do grupo, que paga uma mensalidade simbólica e lhe dá o direito de participar dos eventos/festas que acontecem nos finais de semana e/ou em dias da semana, ou até mesmo coincidindo com os horários de aula.

A escola é aberta aos finais de semana, pelo projeto do Governo do Estado, chamado de “Escola da Família”, proporcionando atividades esportivas e sociais. O projeto visa captar os alunos e a comunidade do entorno da escola, com o objetivo de que crianças e adolescentes tenham atividades de lazer, cultura, oficinas de

artesanato e cursos profissionalizantes, com o objetivo de tirá-los da rua, buscando formar cidadãos melhores e mais úteis à sociedade. A participação do adulto é para que tenha condições de se aproximar a escola de seu familiar ou amigo, fortalecendo a comunidade, através do voluntariado ou se qualificando para a inserção no mercado de trabalho, através das oficinas oferecidas.

O bairro é servido por linhas de peruas de lotação, ônibus regulares, que servem a várias regiões da cidade e percorrem a principal avenida de acesso ao bairro. Há também duas estações de trens próximas a escola.

O atendimento médico na região é precário, havendo apenas um Hospital Público, administrado pela entidade católica denominada Santa Marcelina (localizado próximo à escola pública onde foi realizada a pesquisa), e UBSs⁹ que só atendem com agendamento prévio. Muitas vezes, é preciso esperar meses por uma consulta.

A comunidade local mantém um bom relacionamento com a escola, mas sua participação nas atividades regulares da mesma, como, por exemplo; APM¹⁰ e Conselho de Escola¹¹, se restringem a um número pequeno de pais. Existem outras escolas públicas nas localidades próximas, mas apenas a da pesquisa oferece o Ensino Médio (1º, 2º e 3º ano) no período matutino, o que a diferencia das outras da região, correspondendo ao atendimento de adolescentes com idade entre 15 e 18 anos.

Esta dissertação objetiva trabalhar com os alunos entre 15 e 18 anos, matriculados no 3º ano do Ensino Médio. Acompanho-os desde a 8º série do Ensino Fundamental e, a alguns poucos, desde o 1º ano do Ensino Médio, na mesma

⁹ Unidade Básica de Saúde. (Postos de Saúde)

¹⁰ Associação de Pais e Mestres que tem como finalidade gerenciar recursos financeiros para atender melhor as necessidades da unidade escolar.

¹¹ O conselho de escola é responsável por manter o bom andamento educacional, ajudando, nas decisões relacionadas ao comportamento do aluno na unidade escolar. Também opta nas aplicações das verbas financeiras.

escola, correspondendo ao meu início no mestrado em Gerontologia. As observações sobre o comportamento e comentários com relação aos idosos de sua convivência me levaram ao tema deste estudo: *O Jovem Frente à Velhice e o Envelhecimento*.

2. 3.1 A Clientela da Unidade Escolar

Para que a escola verdadeiramente cumpra o seu papel na sociedade é fundamental que conheça o contexto social de sua vizinhança e comunidade, a clientela que serve, para que possa conhecer as necessidades, potencialidades e expectativas, visando adaptações da unidade escolar. Apesar de óbvio, nem sempre isto é possível, pois muitas vezes o contato só ocorre nas atividades educativas e por características da estrutura educacional, estas são a expressão de um processo burocrático e sem critérios pré-estabelecidos. Formar cidadãos conscientes e capazes implica em fornecer-lhes conteúdos e habilidades necessários a sua melhor inserção e intervenção no ambiente social. Na verdade, essa proposta fica truncada à medida que não há suficiente clareza do perfil e nem dos projetos dos alunos.

Os adolescentes da escola na qual verifiquei como vêm os idosos de hoje e o que pensam sobre a velhice não difere muito das escolas públicas da periferia de São Paulo. De modo geral, são carentes, sustentados e cuidados, muitas vezes, por avós; alguns provenientes de lares desfeitos ou desestruturados pela falta de emprego ou atividade remunerada; por vezes, desnutrida, com problemas de alcoolismo e uso de drogas. A delinqüência entre os adolescentes é comum e a convivência diária com o crime banaliza a violência e a marginalidade.

Os adolescentes desta pesquisa são freqüentadores de uma escola pública, localizada em uma favela, na região de várzea e constantemente discriminados por estudantes de outras escolas no mesmo bairro.

No entanto, para alguns desses adolescentes, a escola contempla a expectativa de ter no futuro uma vida melhor. Esse contexto transforma nossos alunos em verdadeiros sobreviventes, a medida que o dia a dia é uma batalha pela manutenção da vida e dos poucos bens materiais de que dispõem. Dentro desse quadro, estudar, para uns, torna-se a única forma de escapar desse ambiente e, para outros, uma rotina, desvinculada da finalidade de aquisição de conhecimentos. As atividades diárias transformam-se em um grande desafio para os educadores, frente às diferenças relativas à motivação e à dificuldade de lidar com carências das mais variadas origens: emocionais, cognitivas, comportamentais etc.

A escola possui um público heterogêneo, misturando filhos de traficantes, comerciantes, professores, diretores, coordenadores pedagógicos e moradores da favela. Uma escola pública que atende à comunidade local e adjacente. Reafirmo que é a única da região a oferecer Ensino Médio (1º, 2º e 3º ano) no período matutino.

Diante dessas diferentes realidades, suponho que este estudo poderá apontar para múltiplas maneiras de ver e lidar com o envelhecimento e a velhice.

2. 3. 2 Caracterização do espaço físico da escola

A escola está instalada num prédio de alvenaria, em bom estado de conservação, relativamente novo (apenas 20 anos) e passou por uma reforma geral e manutenção recentes. Conta com 15 salas de aula, além da sala de vídeo e espaços exclusivos para a biblioteca, professores, coordenação pedagógica, secretária, direção e vice-direção, laboratório de informática, refeitório, cozinha, sanitários para alunos, gestores e professores, depósito, zeladoria, amplo pátio coberto, quadra poli-esportiva, áreas livres e cantina. As salas de aula são amplas, em sua maioria, o que difere dos corredores e escadas estreitos, pois são inadequados para o grande fluxo de pessoas.

A conservação do espaço escolar é boa, por tratar-se de uma construção de médio porte.

A escola é relativamente equipada para dar condições às atividades educacionais: conta com 3 aparelhos de televisão, 2 dvds, retro projetor, projetor de *slides*, aparelho de som com caixas acústicas, filmadora, maquina fotográfica digital, biblioteca, com aproximadamente 1000 volumes diferentes, e uma sala de informática equipada com 15 computadores. Possui ainda material pedagógico específico para disciplinas, como: atlas geográficos, globo terrestre, esquadros, atlas do corpo humano etc.

Na unidade escolar são oferecidos o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, atendendo, assim, a alunos entre 11 e 20 anos de idade e ha dois alunos, com aproximadamente 45 anos, que preferiram o regular ao EJA (Educação de Jovens e Adultos). Neste trabalho, buscaremos saber a visão do adolescente sobre o envelhecimento apenas com os adolescentes entre 16 e 18 anos, pois corresponde a idade dos alunos que estudam no período da manhã.

A seguir, apresento a análise dos dados obtidos na dinâmica de grupo com os alunos, moradores da zona leste da cidade de São Paulo, estudantes da unidade escolar descrita acima.

Daquilo que eu sei
Nem tudo me deu clareza
Nem tudo foi permitido
Nem tudo me deu certeza.

.....
Não fechei os olhos
Não tapei os ouvidos
Cheirei, toquei, provei
Ah! Eu usei todos os sentidos.
Só não lavei as mãos
E é por isso que eu me sinto
Cada vez mais limpo.

Ivan Lins

Capítulo III

Análise dos Dados

O objetivo deste capítulo é analisar e interpretar os dados obtidos junto aos alunos, sujeitos desta pesquisa.

À luz do referencial teórico citado no capítulo I, as categorias de análise emergiram no momento em que os alunos foram descrevendo e comentando os significados atribuídos às palavras que a atividade de grupo suscitou.

Assim, a opção das categorias de análise utilizadas neste trabalho, *o jovem frente à velhice e o envelhecimento*, decorrem do objetivo geral da pesquisa que se propõe a investigar a visão do adolescente sobre o envelhecimento e a velhice.

O procedimento de análise baseou-se no agrupamento dos dados coletados em categorias significativas frente aos objetivos, justificativas e referenciais teóricos, elementos direcionadores da realização da pesquisa.

3.1 Resultados da Análise de Dados

O processo de análise de dados revelou que a maioria dos alunos tinha interpretações muito particulares sobre o envelhecimento e a velhice, o que fez com que os dados obtidos ficassem ricos em seus significados comentados. Isto exigiu atenção, observação e cuidados para identificar na fala de cada um deles como a velhice era vista.

Para que os dados coletados se tornassem mais visíveis e facilitassem a análise do conjunto de informações coletados, reuni todas as palavras escritas pelos alunos e as dividi em categorias. As questões levantadas durante a realização da atividade foram reproduzidas por um aluno voluntário, facilitando a organização das informações analisadas.

As categorias de análise foram as seguintes; família, doença, relações intergeracionais, longevidade e expectativa de vida, aparência física e direitos. A seguir, apresentarei as análises realizadas.

3. 1. 1 Família

No dicionário Houaiss (2001) encontramos, como significado de família, pessoas aparentadas que vivem na mesma casa, particularmente o pai, mãe e os filhos; pessoas do mesmo sangue, origem, ascendência.

Atualmente a família não é mais constituída de um patriarca (pai), da matriarca (mãe) e dos seus filhos. Muitas famílias são constituídas de uma mãe e seus filhos; de um pai e seus filhos; de pai, mãe e seus filhos de outros relacionamentos; enfim, esse aglomerado de pessoas que convivem é o que se percebe como família na atualidade.

Medeiros (2004: 187) comenta que;

A família se reorganizou, de uma instituição formada de regras hierárquicas, jurídicas, geralmente tomadas como indiscutíveis, para uma com critérios próprios, baseados mais no diálogo, na amizade e nas necessidades práticas do que no cumprimento de obrigações.

Calderoni e Lopes(2007), ainda lembram que

Não existe mais uma única definição para família, varia no tempo, de cultura para cultura, havendo variações mesmo dentro de uma única sociedade, num mesmo momento histórico, político e cultural. Portanto, o conceito família é uma criação humana mutável.

Neste trabalho, pude constatar que, além de um pai e uma mãe, a realidade mostra outros exemplos de família, que não é mais constituída de um pai e uma mãe, mas de uma avó e um avô, que são mães e pais, o que pode ser constatado por dois aspectos: o fato de que a família aparece constantemente na fala dos alunos; no entanto, ao serem indagados acerca dos moradores da casa mencionam que moram com sua família (pai, mãe, irmãos) e seus avós. Observa-se, aqui, que a presença dos avós é marcante como “aquele que cuida”, pois, em muitos casos, os pais saem para trabalhar.

O segundo aspecto observado é o fato de alguns alunos morarem apenas com os avôs e tios.

Outra situação analisada é o fato de que todos têm uma referência de avô e de avó e foi notável a ligação que os jovens têm com os membros idosos da família que os reconhecem como netos, mas exercem o papel de pais.

Essa nova “categoria de pais” aparece na pesquisa, ao constatar-se que, dos 27 adolescentes da pesquisa, 8 moram com seus avôs; 14 convivem com, eles mas não moram; e apenas 5 alunos não tem avós ou não moram próximos. A pesquisa evidencia também que os avós são os grandes responsáveis pela educação informal, pela matrícula na escola, bem como o acompanhamento do desempenho dos jovens, e também por prover as necessidades do adolescente. Necessidades essas que, muitas vezes, não são apenas financeiras, mas também carinho, respeito e amor.

Leme (2007) ressalta que a família é importante em qualquer estágio da vida, pois nela somos conhecidos pelos apelidos familiares, despidos de títulos, definidos e conhecidos por nossas qualidades e defeitos. Ao encontro deste autor, é possível observar na fala dos adolescentes o carinho que recebem dos avôs, o amor que sentem por eles: alguns disseram sobre os apelidos e afinidades que têm:

Minha avó é mais minha amiga, me chama de netinha. Ela conversa e ainda faz algumas coisas em casa pra mim, fala pra eu estudar ou sair pra ela, aí nunca faço em casa o que tenho que fazer.

Minha avó mora na mesma rua, sempre faz meu bolo, mas me diz que ando muito e falo demais. [risos]

Os avôs aparecem como contadores de histórias da família, dos membros familiares e de coisa que aconteceram no bairro, na cidade etc. Segundo algumas falas, aqueles que contam sobre o passado merecem respeito pela experiência que têm da vida.

A palavra é História, porque o idoso é representado pelas histórias do passado que nos contam.

Vó e Vô porque contam histórias.

Minha palavra é respeito, porque o idoso já viveu tanto e tem tanta experiência que nós temos que respeitá-lo.

Nesta fala de um aluno participante, é possível comparar com o que Guedes (2006) aborda sobre o idoso, ou seja, o idoso tem uma posição singular em relação ao jovem, isso porque suas vivências se transformam em conhecimento e sabedoria.

As histórias que os idosos contam, muitas vezes, tornam-se repetitiva para o adolescente, mas, neste estudo, pude observar que o jovem reconhece a importância porque, por vezes, o avô ou a avó o ajudam com suas memórias, quando estes precisam retomar o passado para solucionar assuntos do presente, como, por exemplo, contextos da cidade, do bairro ou da vila em que moram.

Minha avó conta a mesma história dez vezes, às vezes enche, mas sei que é porque ela quer que a gente saiba de toda a família, e às vezes conta também do povo da rua.

Se quiser saber de qualquer fofoca antiga é só perguntar pra minha avó, ela sabe.

Neste sentido, Leme ressalta que

O membro idoso da família ou na família tem muito a contribuir com os demais membros da comunidade familiar, pois possui uma ampla história pessoal a oferecer ao ambiente, representando ainda a história da família em si como grupo social. É o principal portador daquilo que particulariza cada um como ser biográfico e não apenas biológico (2007: 219).

Assim, a relação entre velhos e crianças que se dá na família ou em ações na comunidade resulta em uma troca enriquecedora tanto para as crianças como para os jovens que estão envelhecendo, como afirma Medeiros (2004).

Um dos fatos que mais me chamou a atenção no aspecto familiar foi que os adolescentes, apesar do carinho e amor que dizem sentir pelos idosos de seu convívio, em alguns momentos mostram-se confusos e adversos, chegando a reconhecer que tanto amor recebido não é suficiente a ponto de, em alguns casos, abandoná-los em tarefas simples como acompanhá-los ao médico, a um passeio, ao mercado; *bater um papo* com os avós, para os jovens, é uma “chatice” ter que andar e conversar com os idosos ora pela “chatice” que o avô tem, ora porque a família não pode acompanhá-lo.

Minha palavra é Abandono, porque com o passar do tempo os familiares começam a abandonar o idoso, não tem paciência com ele, não vai ao médico com ele... minhas primas nem paciência de ouvir tê. Eu gosto deles, mas é difícil, às vezes.

Esta situação de cuidado, zelo e atenção Leme (2007) descreve, e menciona que o idoso exige cuidados, têm hábitos que se referem a outras épocas, “manias”, e a abertura nos jovens começa quando se reconhecem nas diferenças entre as pessoas e se notam as suas necessidades.

Durante a dinâmica, fomos ressaltando as diferenças que temos um dos outros, mesmo estando em uma faixa etária próxima. Observou-se a questão de que o respeito independe da idade. Apesar dos alunos acharem que respeito só é preciso ter com o mais velho, a falta dele com o outro da mesma idade revela uma dificuldade em se relacionar com o diferente: afinal, rejeitar o que não é igual a mim ou aquilo que sei o que é, às vezes, parece mais fácil do que entender ou compreender a diferença do outro.

Neste momento, os jovens se reconhecem nas diferenças e chamam a atenção para a falta de despreparo que têm para lidar com o diferente.

Hum... por isso, então, muitas vezes paramos de falar com o outro, só pra não ter que ir lá dizer desculpa e tentar entender, né? Lá em casa a gente discute, mas minha avó depois esquece e fica tudo bem.

Isto posto, revela mais uma vez as suas fraquezas, no sentido de que amam os idosos de seu convívio, mas, ainda, devido à imaturidade, não conseguem perceber as colocações e observações dos mais velhos e que o idoso é apenas uma pessoa com mais experiência que tenta explicar as coisas que eles ainda não sabem.

Oliveira (1999) revela em sua pesquisa que o ato de cuidar é uma via de mão dupla: os velhos transmitem carinho, histórias, valores e, com freqüência, recebem das crianças o apoio e a motivação que dão significado às suas vidas.

Minha avó cuidou de mim e minha irmã desde que éramos pequenas. Agora, crescemos e ela mora em casa com a gente porque sofre do coração, asma e não pode morar sozinha mais.

Alguns adolescentes relatam ainda que os avôs não só vão em defesa deles, como também lhes oferecem algumas coisas que os pais não o fazem, como, por exemplo, dinheiro e permissão para saírem com determinados colegas. Essa atitude pode ser um reflexo de solicitação de atenção dos idosos para com os mais jovens. Calderoni e Lopes (2007: 227) comentam sobre isso, ao falarem dos sinais de alerta que as famílias tem na vivência de sofrimento da velhice de seus membros, onde avós e pais disputam o amor de uma criança, neto/filho, ou a autoridade sobre ela. Os mesmos autores ainda ressaltam que o neto representa promessa de vida em relação a certos ideais; na avosidade, o indivíduo lida com emoções relacionadas a si mesmo, ao que ele foi, ao que queria ser e à pessoa que foi parte de si mesmo.

Os netos falam ainda sobre a relação que seus avós têm com a modernidade, com os aparelhos eletrônicos, e que sempre chamam eles pra ajudarem a mexer nos aparelhos: às vezes, eles quebram, bagunçam tudo.

Minha avó fica louca comigo por causa do rádio: ela não sabe desligar direito, aí desliga a tomada.

Minha avó fica adora esse negócio de Orkut, MSN, mas ela gosta porque dá pra falar com minha tia, que mora em outro pai. Só me torra porque sempre quer que eu vá lá escrever pra ela, ligar o computador pra ela.

Medeiros (2004) esclarece que netos sabem mais que os avós. O lugar dos mais velhos, que sabiam mais “das coisas da vida”, foi sendo ocupado pelos mais

jovens, que dominam o manejo dos aparelhos e computadores com extrema destreza.

Os relatos das experiências dos adolescentes com seus avós mostram ainda o que Medeiros (2004) esclarece em seu artigo sobre “o lugar do velho no contexto familiar”, que, apesar das transformações pelas quais a família passa, a casa ainda é um espaço que oferece o calor necessário para o desenvolvimento da vida.

3.1.2 Doenças

A categoria doença se deu pelo fato dos alunos relacionarem os idosos a perdas das funções motoras e cognitivas; outras vezes, falam diretamente sobre a palavra doença e idoso. Alguns alunos escreveram e depois se justificaram assim:

Doença, porque, conforme vamos envelhecendo, vamos ficando mais doentes.

Doença, porque todo velho tem.

Nestas falas, observei claramente a associação que o adolescente faz entre velhice e doença. Messy (1993) relata que é comum o equívoco que ocorre entre as noções do envelhecimento e da velhice.

Reumatismo, porque é doença de velho, porque só velho tem.

Surdez, quando ficam velhos vão ficando surdos.

Ao surgir o nome de algumas doenças específicas, tive o cuidado de esclarecer que algumas doenças, tais como, por exemplo, o reumatismo e a surdez, citado por alguns alunos, não acometem somente os idosos, visto que a surdez pode ocorrer principalmente com jovens que escutam suas músicas em aparelhos, como: *mp3*, *mp4* etc. Em volumes não recomendáveis aos tímpanos, fazendo com que em um futuro próximo tenhamos jovens com sérios problemas de audição em virtude de hábitos como esses, ou seja, o tímpano vai perdendo sua função. Em relação ao reumatismo, expliquei que é uma doença caracterizada por inflamação e/ou degeneração de tecidos das articulações e de outras estruturas. Sendo assim, pode ocorrer em qualquer idade.

É comum vermos as pessoas fazerem essas associações: idoso *versus* doença. Hoje em dia, temos idosos ativos em nossa sociedade, mas, para alguns jovens, a imagem do idoso saudável ainda não é muito clara, pois relataram apenas casos de idosos doentes ou que apresentam problemas de saúde. Na fala seguinte é possível observar que o modelo de idoso é o doente e não o saudável:

Doença por que nunca vi ter tanto problema como os meus vizinhos que são velhos: tudo é doença.

Segundo Netto (2007), não se pode fixar o início da velhice, mas pode-se afirmar que o mesmo manifesta-se pelo declínio das funções dos diversos órgãos que, caracteristicamente, tende a ser linear em função do tempo.

Isto fica claro na fala de um aluno:

Doença, porque no meio da vida ela começa a aparecer por causa do tempo que já se viveu.

Deste modo, os jovens também podem apresentar algumas doenças que, erroneamente estão ligadas ao idoso, visto que hoje as pessoas têm um ritmo e estilo de vida diferentes dos vivenciados por eles, hoje os adolescentes comem alimentos diferenciados, com conservantes, enlatados, corantes, refrigerantes em excesso e, muitas vezes, se utilizam de drogas lícitas e ilícitas, o que pode e provavelmente compromete a capacidade funcional de seus órgãos, diminuindo assim a vitalidade e/ou a função dos mesmos.

Os alunos mencionaram ainda o fato de o idoso ser frágil:

Fragilidade, porque vai envelhecendo e ficando frágil.

Frágil, pelo fato de ter vivido muito começa a ter mais doenças.

Esta fragilidade para doenças ocorre, segundo Carvalho Filho (2007: 109), pelo fato do organismo se alterar no envelhecimento, pois sofre alterações morfológicas e estruturais que comprometem todo o funcionamento orgânico do corpo humano.

O mesmo autor ainda justifica que

A maior incidência de doenças infecciosas, neoplásticas e auto-imunes em pessoas idosas têm sido associadas às alterações da imunidade celular e humoral nesta faixa etária. A maior parte das alterações imunológicas tem sido correlacionadas com a involução e atrofia do ritmo que, de forma gradual, nos primeiros 50 anos de vida do homem, perde até 95% de sua massa e de sua capacidade de produzir hormônios Carvalho Filho (Ibidem: 118).

É possível ver a relação que o adolescente faz da velhice com essas perdas nas seguintes falas:

Dificuldade, porque ao ficarmos mais velhos, ficamos com mais dificuldades em tudo e mais perto da doença.

Bengala: com o tempo o velho necessita da bengala pra se apoiar quando anda.

O processo de envelhecimento vem acompanhado de um declínio das funções gerais e a função motora é certamente comprometida, em menor ou maior grau, nos idosos, é multifatorial e complexo, como afirma Diogo e Gomes (2004: 107).

O envelhecimento tende a apresentar mudanças das funções cognitivas e funcionais; e se caracteriza pela diminuição e/ou alteração funcional cerebral e dos diversos órgãos e tecidos, o que acarreta um risco maior a doenças. No entanto, é preciso que o jovem tenha claro que apesar de ser um processo natural, nem todos os idosos são doentes e/ou vivem doentes. Hoje não é raro encontrarmos idosos saudáveis, ativos e que têm uma vida social agitada, pois muitos participam de atividades em sua comunidade.

Apesar da maioria dos adolescentes relacionarem a velhice com doença, alguns também deram exemplos de conhecidos ou avós que não são doentes; pelo contrário, participam de atividades ligadas a grupos de 3ª idade, são freqüentadores de academias e clubes.

Minha mãe vai ao CEU¹² todos os dias de manhã, com a minha avó, pra fazer aulas de ginástica. Minha avó é melhor do que eu. [Risos...]. Ela anda muito; eu não gosto.

¹² CEU- Centro Unificado de Educação, mantido pela Prefeitura de São Paulo, oferece à população serviços educacionais, que vão da creche até a 8ª série do ensino fundamental, e atividades esportivas para a comunidade que mora próxima.

Minha vizinha nunca fica doente. Ela já é velhinha, mas toda sexta vai pra igreja participar do grupo da 3ª idade, e olha que o pessoal lá da igreja sempre passeia e viajam mais do que a gente, que é do grupo de jovens.

Como vimos nas declarações dos alunos, é muito comum ainda se relacionar o idoso à doença, mesmo que seja um equívoco, como afirma Messy (1993).

No entanto, acredito que se faz necessário que nós, profissionais da educação, tenhamos claro que ser saudável não é apenas “não ter doenças”, mas, se a tivermos, que sejamos capazes de levar uma vida normal, enfrentando as intempéries que esta pode ter, pois assim seremos capazes de ensinar, esclarecer e demonstrar aos alunos que não só os idosos são doentes, mas qualquer pessoa, em qualquer idade, pode apresentar uma doença. Vale anotar que desde 1947, a Organização Mundial da Saúde definiu saúde como estado completo de bem estar físico, psíquico e social e não simplesmente a ausência de doenças ou enfermidade, como menciona Paschoal (2007).

No ano de 1997 a Organização Mundial da Saúde redefiniu a saúde como forma de bem-estar geral e a capacidade de se autogovernar, sugerindo que fossem realizadas avaliações multidimensionais para o diagnóstico mais preciso da saúde populacional. Quanto ao idoso, a OMS enfatiza a capacidade funcional e sua independência como fatores preponderantes para o diagnóstico de saúde física e mental dessa população, (Diogo e Gomes, 2004).

A independência dos idosos aparece neste estudo quando os alunos relatam sobre as atividades de seus avós e idosos conhecidos:

Minha vizinha vai toda sexta-feira pro grupo da 3ª idade da igreja.

Minha avó é melhor do que eu, ela nada muito eu não gosto.
[Risos...]

3. 1. 2 Relações Intergeracionais

“Feliz daquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

Cora Coralina

Durante a realização da dinâmica de grupo, observei que seria necessário uma categoria que abordasse o tema intergeracionalidade, visto que muitos alunos convivem com idosos, têm uma relação próxima com eles e o presente estudo, em seu tema, já apresenta essa relação.

O conceito de geração, conforme Laufer e Bengston (1974), é definido como um fenômeno de pessoas com idades similares que vivenciam ou vivenciaram problemas históricos e concretos, além de experiências comuns com os sistemas político, social, econômico e cultural.

A intergeracionalidade é um termo utilizado para referir-se às relações que ocorrem entre indivíduos que pertencem a diferentes gerações. Geração é um fenômeno biológico e cultural, materializada por valores éticos e de conduta para cada fase e variam ao longo da história, (Ferrigno,2007: 234).

De acordo com Debert (1998), a definição de relações intergeracionais não deve restringir-se ao contexto familiar, mas envolver todo o campo social da vida dos indivíduos.

Deste estudo, são sujeitos 27 adolescentes que convivem socialmente com seus avós ou pessoas idosas, há também aqueles que não têm avós próximos ou não os têm, conhecem e/ou, às vezes, convivem: o que revela um vínculo e uma relação de jovens e idosos, às vezes diariamente, outras vezes, nem tanto, mas há uma troca de afetos, informações, companheirismo, ajuda etc.

Isso se revela nas falas seguintes:

Minha avó mora com a gente e hoje nós cuidamos dela porque ela é doente.

Minha avó cuidou de mim e minha irmã desde que éramos pequena. Agora, crescemos e ela mora em casa com a gente porque sofre do coração, asma e não pode morar sozinha mais.

Amor, porque minha avó faz o que nós gostamos.

Na academia que eu frequento, a melhor aula de aeróbica é junto com as senhoras: a aula é mais puxada e elas deixam a gente no chinelo. [Risos..].

França e Soares (1997) comentam que:

A importância da participação do idoso nas atividades intergeracionais reside não apenas em ser receptor e doador de informações, mas também no resgate da auto-estima, atualização, reciclagem e na valorização e no reconhecimento de si mesmo como ser integrante e participativo da sociedade (apud LOPES, 2005: 31).

Tendo em vista que as relações pessoais normalmente são compostas de amor, companheirismo, amizade, conflitos etc., neste estudo também foi identificado conflitos nas relações intergeracionais:

Minha avó fica louca comigo por causa do rádio: ela não sabe desligar direito, aí desliga na tomada.

Meu avô é um pouco antigo. Aí, sempre discute com meu pai, que não tem paciência, por isso coloquei a palavra paciência.

Só brigo com minha avó quando ela me enche pra entrar no MSN, pra falar com minha tia; às vezes, eu quero sair ou ficar no Orkut e ela quer toda hora ver se minha tia está no computador.

Medeiros ressalta que

A significativa mudança que a informática produziu no cotidiano das pessoas atingiu os velhos de maneira incontestável. Apesar da larga experiência de vida e do seu conhecimento acumulado de anos, muitos passaram a ser “analfabetos funcionais”. (2004: 188)

Sommerhalder e Nogueira (2000) comentam que as diferenças entre padrões culturais e sociais de cada geração são a fonte principal desses conflitos, especialmente na sociedade atual, palco de transformações diversas que ocorrem num ritmo acelerado. Talvez isto explique a dificuldade de adaptação do velho ao meio em que vive, gerando conflitos particularmente com as gerações mais jovens.

Acredito que os idosos são importantes para as demais gerações, pois são portadores de saberes e conhecimentos que adquiriram ao longo de sua vida, representam uma ligação com o passado familiar e com o processo histórico de sua geração ou gerações anteriores a sua, além de ser uma continuidade da comunidade a que pertencem. O jovem, por sua vez, também se faz importante na atualização do idoso, seja para ensinar o manejo de componentes eletrônicos ou simplesmente para aprender e trocar conhecimentos com aquele que viveu mais que ele, ou seja, o idoso.

Medeiros (2004: 188) lembra-nos que

Os netos sabem mais que os avós. Nas famílias, o lugar dos mais velhos, que sabiam mais das “coisas da vida”, foi sendo ocupado pelos mais jovens, que dominam o manejo de aparelhos e computadores com extrema destreza.

A palavra “experiência” apareceu muitas vezes e me chamou a atenção que sempre veio ressaltando as trocas ou a sabedoria do mais velho. Às vezes, utilizam outras palavras que denotam também o sentido de experiência e sabedoria:

Experiência, porque adquirimos ao longo da vida.

Experiência, quando chegamos a certa altura da vida temos mais.

Sabedoria adquirimos com o tempo, então só os mais velhos normalmente tem.

Histórias, a partir das histórias que os idosos contam, conhecemos suas experiências.

Para Remen (1998: 62), as histórias são:

As experiências de alguém sobre os acontecimentos em si; os fatos nos trazem conhecimentos, mas as histórias possuem muitos significados e nos conduzem à reflexão, a uma experiência mais íntima do significado e do valor de cada pessoa à própria vida.

Sendo assim, pude observar que as relações entre os adolescentes e idosos, ou seja, intergeracionais, levam não apenas a troca de conhecimento, informações,

experiências, como também esboçam um sistema de conteúdos que os jovens transmitem aos idosos e vice versa numa relação de partilha que se pode traduzir em benefícios para ambos no desenvolvimento da compreensão, afeto e conhecimento mútuo.

Adriana Calcanhoto (1992) descreve essa relação da seguinte forma:

Antes de mim vieram os velhos
Os jovens vieram depois de mim
E estamos todos aqui
No meio do caminho dessa vida
Vinda antes de nós
E estamos todos a sós
No meio do caminho dessa vida
E estamos todos no meio
Quem chegou e quem faz tempo que veio
Ninguém no inicio ou no fim
Antes de mim
Vieram os velhos
Os jovens vieram depois de mim
E estamos todos aí.

Deste modo, quem sabe podemos ainda evitar a segregação de determinadas faixas etárias, visto que isso empobrece as relações sociais e provoca o preconceito etário, tanto do jovem para o idoso, quanto do idoso para o jovem. Quem sabe assim podemos ter uma sociedade mais justa, tolerante, democrática e solidária.

3. 1.4 Longevidade e Expectativa de Vida

Longevidade significa vida longa e é relacionada com a expectativa de duração de vida, determinada por vários fatores, como: hereditariedade, clima, ambientes, alimentos e medicinais.

Neste sentido, Camarano (2002: 58) lembra que tanto o envelhecimento populacional como a longevidade são resultados de políticas e incentivos públicos, além de serem os mais visíveis efeitos positivos do progresso tecnológico em favor da sociedade.

Atualmente, em nossa sociedade, apresenta-se uma taxa de fecundidade baixa em relação às averiguadas em décadas anteriores.

Estudos demográficos demonstram que o Brasil, a partir da década 70, iniciou um processo de transformação perceptível visto que, até então, era um país com uma população que se sobressaía pela juventude. De acordo com o IBGE, os dados apresentados pelo Censo de 2000 projetam para 2025 uma população de 30 a 33 milhões de idosos, que corresponderão a 13% da população.

Durante a realização da atividade com os alunos, fui observando suas colocações, explicações pessoais, indagações e fui sentindo a necessidade de criar a categoria *longevidade*. Afinal, a longevidade e a expectativa de vida nada mais são do que uma conseqüência do processo de envelhecimento.

Tempo, porque com o passar do tempo vamos ficando mais velhos.

Idade avançada: porque não é mais jovem, já está ficando velho ou já é velho.

Nestas palavras dos alunos pude notar a percepção que eles têm de como é passar o tempo vivo, ou seja, vivendo a cada dia. Nas observações que fazem da velhice, normalmente associam o viver muito com questões de sabedoria e experiência.

Sabedoria, esta palavra, porque acredito que a gente vai adquirindo com o tempo e o idoso, por já ter vivido mais, ele é mais experiente, sábio.

Experiência: ao longo da vida vai se adquirindo.

Sabedoria e experiência fazem parte da vida de todo mundo, pois, à medida que vamos vivendo e envelhecendo, vamos adquirindo-as, de acordo com as escolhas, acertos, erros, relações interpessoais, amores, desamores, perdas, ganhos, viagens, trabalho etc. Se longevidade é o resultado da duração de vida, a expectativa de vida nada mais é do que ter planos pra continuar a viver.

Vontade de viver, mesmo tendo passado por tantas coisas na vida, a gente vê que eles ainda têm vontade de viver, de saber mais.

E se o envelhecimento é um processo natural, dinâmico e biopsicossocial, que varia de pessoa para pessoa (Cavalcanti 1998), o adolescente também precisa ter claro as influências dos aspectos físicos, sociais, econômicos e ambientais que interferem diretamente na qualidade de vida.

Sendo assim, a discussão que se faz sobre a vida é interessante, pois nos leva a pensar de que forma estamos vivendo? Como estamos adquirindo mais experiência e sabedoria? Como estão nossas condições de vida?

O adolescente parece viver intensamente a cada momento, não se preocupando muito com a questão do tempo, o que tem pra fazer, o que foi feito.

Chamei a atenção deles para pensarem sobre o que é a vida, o porquê da escolha da palavra *vida* quando estamos falando em velhice e envelhecimento, visto que uma das dificuldades que encontramos em trabalhar com os adolescentes hoje, enquanto educadores, é a falta de perspectiva de vida e a falta de sonhos deles em ser alguém ou ter uma profissão.

Ao indagá-los sobre esta questão, me responderam entre tantas coisas:

Vida, porque eles já viveram muito e passaram por muitas coisas.

Vida, porque é o resultado de um processo que deu certo: ele nasceu, cresceu, ficou adulto e agora está velho.

Nas explicações deles, *nascer, crescer, ficar adulto* já significa ter tido uma vida, independente de como ela foi vivida, ter profissão ou família, para eles, é apenas uma consequência de um processo natural, ao começarem a trabalhar ou depois que casam.

Chamou-me a atenção o fato deles relacionarem a velhice ao resultado das escolhas que a pessoa fez na vida, mas não percebem que até pra se fazer escolhas é necessário ter um objetivo, uma finalidade. Viver a cada dia pode ser uma opção, no entanto, quando se tem um foco na vida, o caminho que temos a percorrer pode ser melhor, menos árduo, ou também não. Assim, o envelhecimento e a velhice também podem ser diferentes, com melhores condições, ou não, afinal, ela é o resultado de como fomos vivenciando nosso envelhecer.

Esta reflexão remete-me ao que Beauvoir comenta sobre o envelhecimento:

O envelhecimento tem uma dimensão existencial, como em todas as situações humanas, pois modifica a relação do homem com o mundo

e com a sua própria história. Dependendo da história, o envelhecimento é variável em tempo e espaço. (Beauvoir, 1990: 10).

E, se ao fazermos a nossa história, traçamos um envelhecer no tempo e espaço que estamos vivenciando, espero que as indagações levantadas sobre a velhice os remetam para um futuro melhor, com melhores condições de vida para eles e para os que o cercam. Afinal, não podemos acreditar apenas que “o futuro a Deus pertence”; é preciso que cada um faça a sua parte, trace seu caminho e percorra a sua estrada da vida. Uma vez que, entre tantas palavras escolhidas, apareceu a palavra:

Futuro, porque é o que espero ter enquanto estou envelhecendo.

Futuro, porque é o resultado de viver por um período com mais expectativa ainda.

Espero que tenham pensado no futuro que querem pra eles e reflitam sobre como estão vivendo esses momentos, o que gostariam de vivenciar em seu amanhã, pois ele depende do presente e das escolhas que fazemos hoje.

3. 1. 5 Aparência Física

Aparência significa aspecto ou aquilo que se mostra superficialmente à primeira vista: ilusão, fingimento. Também tem como sinônimo *fisionomia*, que é um conjunto de traços do rosto e/ou expressão que resulta desse conjunto (Houaiss, 2001).

A preocupação com a estética e a aparência acompanha o ser humano desde a Idade Antiga. Ao longo do tempo, tal inquietação foi assumindo novas formas e, com o desenvolvimento das indústrias de cosméticos, a beleza e a moda

foram ganhando um novo significado. Cremes, cirurgias plásticas, revolução na maneira de se vestir, criação de marcas e uma infinidade de produtos e serviços começaram a ser oferecidos para homens e mulheres se sentirem mais jovens, bonitos e sedutores, afinal, isto parece ser uma busca constante do ser humano.

O adolescente, por sua vez, também se preocupa com sua aparência: peso, cabelo, roupas, sapatos, bolsas, enfim, com todo o seu aspecto físico. Na verdade, se olharmos a sociedade como um todo, tal preocupação não é mais apenas da mulher e do adolescente, pois ela se faz presente em toda coletividade.

Assim, a preocupação com a aparência física parece crescer cada vez mais e a sociedade está sempre atenta para acompanhar as rápidas mudanças que ocorrem hoje. Os adolescentes, por sua vez, se mostram ainda mais atentos às transformações que a mídia repassa e ao que a sociedade dita como moda.

Esta categoria de análise se fez necessária devido à apresentação de algumas palavras relacionadas à “beleza” e aparência física, como: rugas, cabelos brancos, dentadura etc.

É inegável que o adolescente se preocupa em aparecer em seu grupo de convivência sempre arrumado, com roupas de grifes da atualidade, roupas que o caracterizam em determinado grupo, sapatos de marcas famosas, cabelos coloridos e com cortes diferente, acessórios que complementam o seu aspecto visual etc. Contudo, ao realizar a atividade, não esperava que palavras ligadas à aparência física aparecessem tantas vezes ou que isto, para eles, chamasse tanta a atenção na velhice. Talvez isto tenha sido ingênuo, visto que para eles é um fator de extrema importância, sempre comentam sobre as vestimentas dos colegas, professores, funcionários e, algumas vezes, chegam a elogiar ou apelidar determinados professores pelas roupas, gestos e andar.

Na literatura apresentada no primeiro capítulo deste estudo, de acordo com Ferrigno (2006), o adolescente se identifica nas “tribos juvenis” pela aparência, trajas e adereços com muitas e complexas combinações de estilos, principalmente nos grandes centros urbanos.

Na escola, isto fica claro quando notamos os grupos existentes, as chamadas “panelinhas”¹³, nas salas de aula ou nos momentos de convivência deles. Nas falas a seguir ficam evidentes as escolhas das palavras e a visão que o adolescente tem quanto à beleza na velhice.

Rugas, porque mostra no rosto, na pele o tempo que a pessoa viveu.

Ruga, porque o idoso mostra na pele, no rosto, o tempo que viveu através delas.

Cabelos brancos.Aqueles que vão ficando velho,s sempre têm.

Cabelos grisalhos: com o passar do tempo e dos anos, vão ficando branco.

Durante o processo de envelhecimento, o corpo vai sofrendo alterações físicas e diminuição nas capacidades funcionais, conforme explicado anteriormente, que modificam a aparência física das pessoas, o que muitas vezes resulta em calvície, rugas, cabelos brancos ou grisalhos, problemas na dentição, perda ou ganho de peso etc.

¹³ Grupo de adolescentes que se identificam por afinidades, roupas, estilos musicais, preferências etc.

Baldessin (1996: 491) lembra que algumas pessoas parecem velhas aos 45 anos de idade e outros, jovens aos 70. Afinal, algumas características, como dentadura, rugas, não necessariamente apenas idosos as têm. Alertei aos alunos quanto a algumas características físicas que atribuímos aos idosos, pois hoje é possível vermos algumas pessoas novas com um aspecto de bem mais velha ou, vice e versa, pois não podemos esquecer que as condições e as dificuldades que a pessoa vivenciou em sua vida alteram o seu processo de envelhecimento e velhice.

O adolescente se preocupa muito com o cabelo, hoje um fato comum não apenas entre as meninas, mas também entre os garotos. Muitos meninos têm optado não apenas por realizar cortes diferentes, mas também fazem alisamentos, chapinhas e coloração. Esclareci que cabelos brancos não é privilégio apenas dos mais velhos: podemos achar pessoas novas, com 18 ou 30 anos, e com muitos cabelos brancos. Dei, como exemplo, eu mesma, que, desde os 18 anos, já apresentava cabelos brancos; um aluno se manifestou dizendo:

Professora, meu irmão tem 27 anos e está grisalho

Assim, elucidei que é preciso levar em conta o fator genético, pois cabelos brancos revelam a falta de pigmentação dos fios, além de poder ser resultado da hereditariedade; pode ser um fator do organismo pessoal que, não necessariamente, está ligado ao processo de envelhecimento.

A alteração de peso no idoso ocorre devido a alterações na composição corpórea. Normalmente, há uma tendência à redução de peso, mas também pode haver um acúmulo de gordura que mantém inalterado ou eleva o peso (Carvalho Filho, 2007: 109). Por outro lado, nos adolescentes de hoje essa alteração corporal se dá principalmente pela alimentação rica ou pobre em calorias, pelo uso de alguns medicamentos, mas também não se pode esquecer o fator genético:

Professora, isso explica porque em uma mesma casa a gente tem um irmão gordo e outro magro; e na nossa sala também dá pra ver as diferenças de vários alunos, mesmo a gente tendo idades parecidas.

As rugas, na velhice, parecem o resultado do tempo vivido, mas também é preciso se levar em conta o fator hereditariedade e o organismo individual. A quantidade de colágeno são as proteínas encontradas no organismo, Durante o envelhecimento, há alterações elásticas nas fibras da pele e dos órgãos que se transformam em sua composição e determinam as mudanças nas características pessoais (Carvalho Filho, 2007: 107).

Lembrei-os que, além disso, as rugas podem ser o resultado de uma exposição indevida ao sol e que, por esta razão, hoje se recomenda tomar muita água e o uso, indispensável, do filtro solar; afinal, a incidência de câncer de pele pela exposição no sol aumentou muito nos últimos anos, assim, se nos mantivermos hidratados com água e creme adequado para cada tipo de pele, estaremos retardando o envelhecimento natural da pele; além de estarmos contribuindo mais para a nossa saúde, estaremos colaborando para que no futuro possamos ter uma melhor qualidade de vida, pois a água é indispensável para todo o organismo humano.

Os alunos, ainda, chamaram a atenção quanto ao uso da dentadura na velhice:

Banguela, porque usam dentadura.

Dentadura, porque muitos usam quando ficam velhos.

Quanto a ser banguela e usar dentadura, ressaltai aos alunos que se tratava não apenas de uma questão da aparência, mas uma questão de saúde bucal, pois o

processo digestivo inicia-se com a mastigação, a trituração dos alimentos, para o que se faz necessário uma boa dentição e uma boa posição mandibular, ou seja, dentes alinhados.

Perguntei aos alunos porque alguns usavam aparelho ortodôntico:

Ah, professora, para não ficar com os dentes tortos.

Professora, eu uso aparelho porque tinha os dentes pra fora e aí não mastigava direito. Quando tirar, vou colocar outro móvel, mas já vai estar melhor a mastigação.

Assim, continuei explicando que dentes tortos não permitem uma mastigação correta e sobre a importância dos dentes no sistema digestivo e ressaltai que hoje os estudos sobre saúde e envelhecimento consideram os dentes um problema de saúde bucal e saúde pública.

Pucca Júnior, em seu artigo sobre a saúde bucal do idoso, observa que

A própria odontologia percebe que o quadro de saúde bucal da terceira idade reflete nitidamente as condições desiguais em que as pessoas vivem e trabalham. E dessa forma, se constitui a primeira dicotomia, odontologia versus saúde bucal (2007: 521).

Comentei com eles que, apesar de não ser tão velha, ter apenas 31 anos¹⁴, quando entrei na escola, em 1985, na primeira série do ensino fundamental, as escolas públicas do Estado de São Paulo tinham consultórios odontológicos com dentistas para os alunos, não me recordava ao certo de quanto em quanto tempo, mas era oferecido aos alunos flúor para fazer bochecho (na escola) e atendimento

¹⁴ Minha idade, para alguns parece muito e para outros pouco em relação à minha aparência física.

odontológico, do qual eu mesma cheguei a utilizar, fazendo duas obturações, hoje conhecidos como restauração.

Alguns alunos ficaram surpresos com esta informação, outros disseram que já haviam ouvido falar, mas que achavam que era mentira, ou que fazia muitos anos isso. Rri com eles e disse:

Fazem apenas 24 anos e vocês não tinham nascido ainda; realmente faz muito tempo, estou envelhecendo.

Os risos levaram a turma ao delírio e comentaram que os meus dentes ainda estavam aparentemente bonitos, apesar do tempo. Respondi que, apesar das intempéries da vida, me preocupava em mantê-los bonitos, mas, principalmente, saudáveis; sempre que possível, vou ao meu dentista de confiança, pois, quando era criança, sofri muito com dores de dente, um sinal claro de que meu dente estava doente.

Alguns alunos perguntaram por que esse atendimento deixou de ser oferecido nas escolas públicas, pois em um país com tantas dificuldades como o nosso esse é um benefício que o povo deveria ter, afinal, tratamentos dentários são muito caros e nem todos podem fazê-lo. Não me lembrava ao certo o motivo do atendimento odontológico ter sido suspenso nas escolas, mas expliquei para eles que isto faz parte da política de cada governo e que, naquela época, achava necessário oferecer esse serviço público às crianças.

Além de melhorar a saúde bucal, os dentes melhoram a fisionomia e a auto-estima das pessoas, uma vez que melhora a apresentação pessoal: as pessoas se sentem mais à vontade para ter uma vida social mais ativa.

No que diz respeito à beleza hoje, discuti ainda sobre a questão da intervenção tecnológica, visto a importância que a mídia e a sociedade impõem sobre esse aspecto, já que, na atividade apresentou-se a palavra *beleza* justificada da seguinte forma:

Beleza, acho bonito a pessoa ser velha, mas sem ter feito plástica.

Beleza, a pessoa ser idosa sem plástica é belo.

A seguir, apresento a última categoria que julguei ser necessária, devido a quantidade de vezes que a palavra "*direito*" e outras que denotavam o mesmo sentido apareceram na atividade desenvolvida com os alunos.

3. 1. 6 Direito

Hoje, o aluno tem mais consciência dos direitos que possui. Às vezes, não sabe muito bem o que pode ou não. No entanto, sabe que pode reclamar sobre aquilo que julgar necessário, se sentir-se prejudicado.

Logo na primeira etapa da atividade uma das primeiras palavras que apareceu foi:

Aposentadoria

E quando pedi para que o aluno me explicasse o porquê, me respondeu da seguinte maneira:

Quando a pessoa fica mais velha, procura seus direitos pelo tempo que teve de trabalho.

Esta fala deixa claro que o adolescente está atento para as questões trabalhistas, sabe que, ao final de um determinado tempo de trabalho, o idoso pode solicitar sua aposentadoria.

A aposentadoria é um rito de passagem, uma condição nova de vida, socialmente caracterizada por perdas. Perde-se um papel social construído e vivido durante anos, com sacrifício dos próprios laços familiares e afetivos. (Warner, 1998 *apud* Papalléo Netto, 2007:215).

O adolescente vê na aposentadoria o resultado de uma vida de trabalho, a conquista de um salário que poderá ser aproveitado sem ter que se levantar cedo ou ir trabalhar. Na fala seguinte isto fica evidente;

Aposentadoria, professora, quando a pessoa aposenta pode ir fazer o que quiser, fazer coisas diferentes, como: passear, começar a viver e também ganhar dinheiro sem trabalhar.

Nesta colocação, o aluno desconhece que nem sempre a aposentadoria está relacionada à bem estar, pois ela, muitas vezes, é início de problemas, visto que o idoso normalmente é o que menos se beneficia dela, pelo fato de ser o responsável pelo sustento da família. O baixo valor da aposentadoria no Brasil raramente permite uma boa qualidade de vida ou melhores condições na velhice, principalmente pelo fato de, freqüentemente, se ter famílias numerosas, nos quais o idoso é o único provedor do sustento, uma vez que a aposentadoria é uma fonte de renda segura.

A palavra “Direito” tem como definição o que é justo, conforme a lei; faculdade legal de praticar ou não praticar um ato; o conjunto das normas jurídicas vigentes num país (Houaiss 2001).

Quando a palavra *direito* surgiu na atividade, os alunos explicaram a escolha da seguinte forma:

Direito, os idosos têm os mesmos direitos dos mais novos.

Direito: todo idoso tem direito, depois de ter passado por tudo que passou na vida, devemos ter respeito por eles.

Relacionaram ainda a palavra direito com respeito:

Direito, o idoso tem o direito de ter o respeito.

Respeito pela vivência que o idoso adquiriu. A sociedade tem o dever de respeitá-lo.

A palavra *respeito* significa consideração> Em alguns casos, os adolescente demonstra esta estima, em virtude das inúmeras vezes que lhe foi ensinado sobre o respeito que se deve ter com os mais velhos.

No entanto, frequentemente podemos observar na escola que o jovem nem sempre demonstra respeito pelo mais velho e/ou pelo idoso. Isto fica claro quando é solicitada a presença do responsável (maior de idade) do adolescente para tomar ciência de algumas atitudes do mesmo. Em algumas ocasiões, os responsáveis pelos adolescentes normalmente avós, chegam a ser agredidos verbalmente pelos netos.

Ao recordar-me deste fato, contei algumas situações ocorridas na escola que retratavam a falta de respeito do jovem com o mais velho. Alguns alunos ficaram perplexos ao ouvir, outros ficaram quietos e um aluno, que havia escrito *Igualdade* como uma das palavras, advertiu:

Escolhi igualdade porque já havia colocado direito e acredito que somos todos iguais, independentes da idade, mas é claro que não serve pra este caso, porque acredito que o respeito com o outro também é fundamental para a boa convivência.

Narrei aos alunos sobre a criação do Estatuto do Idoso e chamei a atenção para suas semelhanças com o Estatuto da Criança e do Adolescente. Adverti ainda que, apesar deste conjunto de Leis, muitas arbitrariedades ainda são cometidas com essas duas categorias (Criança- Adolescente e Idoso) e que cabe a cada um, como cidadão fiscalizar para que os Direitos e Deveres da sociedade sejam cumpridos, seja respeitando as Leis ou cobrando dos órgãos competentes suas responsabilidades.

Perceber a maneira como o idoso é visto em nossa sociedade, no meio em que vivemos, significa reconhecer o dano ou a diluição de valores importantes que estão na base da nossa história cultural, transmitidos pela herança de nossos antepassados, avós.

Esquecer a importância dos mais velhos, seja na história particular de cada um, na construção da história de nosso país, na sabedoria e experiência adquiridas pelo tempo vivido, reflete na visão que se tem do envelhecimento e da velhice, na concepção de vida e de mundo, mas, principalmente, na importância que atribuímos às experiências e ao aprendizado que os idosos nos proporcionam.

Deste modo, se encerram as categorias de análise onde apresentamos as colocações dos alunos e as discutimos sob a luz da teoria.

A seguir, apresento as considerações sobre o estudo realizado.

Considerações

Na adolescência, é possível observar que o jovem busca a construção de uma nova identidade e isto passa a ser seu foco central, seguido pelas mudanças físicas e cognitivas. O adolescente, nesta fase, encontra um universo social e cultural que lhe exige mudanças para as quais normalmente não está preparado: a procura por uma identidade única é um dos problemas mais comuns entre os adolescentes, desafiando autoridades e regras como um caminho para se estabelecerem como indivíduos.

Nesse estágio, o adolescente também tende a seguir desportistas, artistas, entre outros que servem de modelos de comportamento, o que, muitas vezes, diverge do meio em que vivem. Assim, suas maneiras são criticadas pela sociedade e principalmente pelas pessoas mais próximas. A educação transmitida pelos pais e tutores passa, então, a ser questionada na medida em que seus atos divergem daquilo que a sociedade espera e cobra dele; passa-se a viver uma vida inspirada por contradições.

Chamou-me a atenção durante as três etapas de aplicação o fato de não ocorrer alterações na atribuição de diferentes palavras para designar a velhice. Os jovens deste estudo não tiveram muitas variações de respostas, tanto meninas como meninos não demonstraram diferenças relacionadas a gêneros em suas palavras. Assim, optei por não identificar os adolescentes deste estudo por gênero.

O questionamento do jovem parece por vezes, não ser tão pontual. Notei que não fazem correlação do espaço físico com o espaço daquele que se torna velho e debilitado, apesar de pontuarem as dificuldades que estes últimos têm em se locomoverem em casa, no bairro e na cidade.

Os estigmas associados aos aspectos da velhice são muitas vezes, negativo: asilo, isolamento, dependência, abandono etc. Poucos adolescentes apresentam aspectos positivos diante de um processo tão complexo como o envelhecimento.

As características pessoais atribuídas aos idosos refletem a visão que o adolescente possui sobre o que acha da velhice, mas, frequentemente, estão relacionadas às conseqüências das alterações físicas, por exemplo: diminuição auditiva, memória, cansaço e doenças.

Estranhei o fato de o adolescente atribuir também características da aparência física, como: cabelos brancos, dentadura, rugas, além de chamarem a atenção para a cirurgia plástica na velhice: para alguns, sinônimo de preservar o que chamam de beleza, para outros, uma agressão ao corpo que já viveu tanto.

Que a aparência é admirável para muitos adolescentes é inegável, visto que, por vezes, além de reparar na vestimenta dos professores, ainda comentam sobre ela. Acreditava que, para eles, na velhice não era tão importante. O fato de serem observadores e, normalmente, se espelharem no outro, seja pelos gestos, posturas, roupas etc. para se apresentarem diante de seu grupo de convivência e da sociedade, me parece perder força ao conhecer seus idosos familiares. Mais do que apresentarem-se com os sinais físicos do envelhecimento, há um descuido com relação à apresentação pessoal, como se esse aspecto não tivesse mais importância ou significado no relacionamento social. Essa leitura não levou em conta a complexidade do lidar com os sinais de envelhecimento.

O estudo proposto me fez refletir sobre o limite entre a incorporação de estigmas negativos na velhice e/ou processo de mudanças físicas (estéticas) no adolescente, como estes mostram uma preocupação em se apresentarem sempre de acordo com o que a sociedade dita como moda, seja qual for a idade.

As soluções propostas pelos jovens para melhorar o estigma negativo que normalmente se tem sobre a velhice, estão associadas a alterações da aparência, como: *botox*, dentadura, cirurgia plástica, coloração dos cabelos etc.

O adolescente raramente se vê como velho, tão pouco percebe que está em processo de envelhecimento. Quando chamado a atenção para o próprio envelhecimento, muitos se mostraram surpresos, outros ficaram parados, observando como se estivessem tentando lembrar e/ou entender seu próprio processo de envelhecimento até agora.

O grupo apresentou um comportamento de zombaria quando um colega da turma apresentava suas observações filosóficas sobre o envelhecimento, o mesmo chegou a se negar em responder, depois, sobre alguns questionamentos que iam surgindo. No entanto, pedi ao restante da sala para se comportarem e, ao aluno, que não se importasse com os outros, pois suas opiniões eram muito importantes para que seus próprios colegas, que apresentavam comentários jocosos, pudessem ter a oportunidade de aprender, apreender e ter uma visão diferenciada sobre o que é a velhice.

O aluno que apresentou comentários enriquecedores sobre a velhice contribuiu muito na realização da atividade, tornando-a mais rica, esclarecedora e, principalmente, chamando a atenção dos demais jovens para uma fase da vida que, além de merecer respeito tem muito a fornecer no desenvolvimento intelectual de toda a juventude.

Se, por um lado, houve uma postura rígida frente ao convite de outro olhar para a velhice, ao apontarmos esta possível interação, os alunos adotaram uma postura de escuta e, no término da atividade, reconheceram a importância das colocações do colega.

A disposição das colagens na parede ao final da atividade formou uma figura interessante. Pedi aos alunos, então, que observassem a parede e, logo depois, passei a imagem fotografada em uma câmera digital, para que pudessem observar melhor. Alguns não conseguiram identificar a imagem, outros não quiseram arriscar, mas, diante de minha observação, foi possível ver retratada na parede a imagem de

uma pessoa (segue a foto em anexo); talvez pudesse ser uma pessoa idosa, pois parecia estar de lado ou apoiada em alguma coisa. Diante desta observação, a turma se mostrou surpresa, uns poucos alunos disseram ter visto, mas achavam que era impossível e outros, ficaram surpresos.

A partir das observações feitas, pude concluir que o conhecimento quebra as barreiras do preconceito e que relegar apenas a educação informal as questões da longevidade é um erro, pois a escola deve preparar, sim, o aluno para a vida como uma totalidade e não apenas para aquilo que o mercado de trabalho ou o mundo industrializado exige. Assim, se faz necessário propiciar na escola um espaço para discussões não apenas sobre o envelhecimento, mas também para reflexões relevantes do dia a dia.

É possível encontrar em algumas disciplinas ou alguns professores que se dispõem a trabalhar questões diferenciadas e que tornam o jovem um cidadão melhor, porém, ainda é uma parcela muito pequena. Deste modo, confio que nossos idosos serão tratados com mais dignidade. Quando a escola passar a assumir sua parcela de responsabilidade de esclarecer aos jovens quanto a escola passar a assumir sua parcela de responsabilidade de esclarecer aos jovens quanto a sua importância e à importância do idoso em nossa sociedade, na família, pois o idoso se faz presente não apenas financeiramente no sustento da família, mas também na formação do jovem, como foi comprovado neste estudo.

O adolescente não está desprendido da vida do idoso. No entanto, ele não percebe o quanto estão unidos, de uma forma ou de outra, com as questões da longevidade. Deste modo, cabe à escola elucidar quanto ao processo de envelhecimento do próprio aluno, pois este convive com o idoso, e será ele mesmo, o próprio idoso. Assim, a escola não pode omitir-se deste processo que é inerente a qualquer indivíduo.

Espero que as informações apresentadas neste estudo possam contribuir com o acervo local, levando em consideração as lacunas existentes que versam sobre o tema em nossa cidade, São Paulo. Sendo assim, acredito que esta pesquisa venha contribuir também para o aumento das discussões a respeito do tema, e particularmente no que diz respeito à função da educação na construção de um sujeito preparado para uma sociedade mais justa e capaz de acolher seus membros adequadamente.

Espera-se que futuramente ocorram mudanças significativas na realidade da velhice brasileira.

Referências Bibliográficas

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência Normal**: um enfoque psicanalítico. Traduzido por Suzana Maria G. Ballve. Porto Alegre: Artmed, 1981.

AGRESTE, Glaucia. P. **Velhice e educação**: do desvelar das letras ao desvelar do mundo. Dissertação de Mestrado apresentado ao programa de Gerontologia. São Paulo, PUC-SP, 2003.

BALDESSIN, A. O Idoso: Viver e morrer com dignidade. In: Papaléo Netto, M. (org). **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 1996. p. 491.

BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BIRMAN, J. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: VERAS, R et. al. **Terceira idade**: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CALDERONI, Sila Z; LOPES, Ruth G. da C. **O Idoso na Família**: Expansão de Possibilidades ou Retratação? In: NETTO, Matheus Papaléo. Tratado de Gerontologia. 2ªed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2007. p. 225- 231.

CAMARANO, Ana Amélia. **Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica**. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

CARVALHO FILHO, Eurico T. Fisiologia do Envelhecimento. In: NETTO, Matheus Papaléo. **Tratado de Gerontologia**. 2ªed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2007. p. 105-119.

CAVALCANTI, M. B. “**Idosos**” In: Range, B. (org). Psicoterapia comportamental e Cognitiva: Pesquisa, Prática, Aplicações e Problemas. São Paulo. Psy, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1995.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL. **Da Educação, Da Cultura e do Desporto**. Brasília: Senado, 1988.

DEBERT, Guita G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, Guita G. (org) **Antropologia e Velhice**. 2º ed. Campinas: Unicamp, 1998.

DIOGO, Maria José D. e GOMES, Gisele de Cássia. Função Motora, Capacidade Funcional e sua Avaliação em Idosos. In: DIOGO, Maria José D; NERI, Anita L e CACHIONI, Meire. (orgs). **Saúde e Qualidade de vida na Velhice**. Campinas, SP: Alínea, 2004.

DURKHEIM, E. Representações Individuais e Representações Coletivas. In: **Sociologia e Filosofia**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1971.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei n: 8.069, de 13 de Julho de 1990. Brasília: Senado Federal, 1990.

ERIKSON, Erik H. In: AGRESTE, Glaucia. P. **Velhice e Educação: do Desvelar das Letras ao Desvelar do Mundo**. Dissertação de Mestrado apresentado ao programa de Gerontologia. São Paulo, PUC-SP, 2003.

FEARTHERSTONE, Mike. A velhice e o envelhecimento na pós-modernidade. SESC. **A Terceira Idade**. São Paulo, v. 10, n.14. p. 10, ago. 1998.

FERRIGNO, José Carlos. **A identidade do jovem e a identidade do velho: questões contemporâneas**. In: Velhices. Reflexões Contemporâneas. São Paulo: SESCSP e PUCSP, 2006.

FERRIGNO, José Carlos. Co- educação entre gerações: do Conflito ao Desenvolvimento da Solidariedade. In: NETTO, Matheus Papaléo. (org) **Tratado de Gerontologia**. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á pratica educativa**. 24 ed. Coleção leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

GIROUX, H. A. **Channel surfing**: race talking and destruction of today's youth. New York: St. Martin's Press, 1997.

GOHN, M. G. Educação não-formal no Brasil: anos 90. **Cidadania-Textos**, Campinas, n. 10, p. 1-138, 1997.

GUEDES, D. W. de O. **Educação continuada e projeto de vida de pessoas idosas**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC-SP, 2006.

HOUAISS, Antonio; VILCAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KETT, J.F. Descubrimiento y invención de la adolescencia en la historia. **Journal of Adolescent Health**, New York, n. 14, p. 664-672, 1993.

JARDIM, Sueli E. G. **Aspectos Socioeconômicos do Envelhecimento**. In: Papaléo Netto, M (org). Tratado de Gerontologia. 2º Ed. São Paulo: Atheneu, 2007.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Brasil. Lei n. 9. 394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal, 1996.

LAUFER, Robert S; BENGSTON, Vern L. Generations, Aging and Social Stratificaiion and Development of Generational Units. In: **Journal of social Issues**, Washington. v 30. p. 181- 205, 1974.

LEME, Luiz Eugênio G. O idoso e a Família. In: NETTO, Matheus Papaléo. **Tratado de Gerontologia**. 2. ed. Rio de janeiro Atheneu, 2007. p. 217- 223.

LOPES, Alice Casemiro; MACEDO, Elizabeth. **Currículo**: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, Ewellyne Suely de L. Relações Intergeracionais. In: Neri, Anita L. (org) **Palavras Chaves em Gerontologia**. Campinas, São Paulo: ed Alínea, 2005.

LOPES, Ruth. G. da Costa. **Saúde na velhice**: As Interpretações Sociais e os Reflexos no Uso do Medicamento. São Paulo. Educ, 2000.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINEZ, Yêda Lenir H. das Neves. **A visão do Jovem Manauense do Ensino Médio Sobre a Velhice E O Envelhecimento**. Dissertação de Mestrado apresentado ao programa de Gerontologia. São Paulo: PUC-SP, 2007.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento em Três Sociedades primitivas**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MEDEIROS, Suzana A. R. O lugar do velho no contexto familiar. In: PY, Lígia; PACHECO, Jaime Lisandro; SÁ, Jeanete Liachh Martins de (orgs). **Tempo de Envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004. , p. 185- 200.

MELLO, Guiomar Namó. **Magistério de 1º grau**: da competência técnica ao compromisso político. 5º ed. São Paulo: Cortez, 1985.

MESSY, Jack. **A pessoa Idosa Não Existe**. São Paulo: ALEPH, 1993.

MESSY, Jack. **A pessoa Idosa Não Existe**: uma abordagem psicanalítica da velhice. 2º ed. Trad. José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: ALEPH, 1999.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método fenomenológico na pesquisa**. 1ed, São Paulo: Primeira, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Traduzido por Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 5. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

MOROZ, M.; GIANFALDONI, M. H. T. ALVES. **O processo de pesquisa: iniciação**. Brasília: Plano, 2002.

NERI, Anita Libarelesso. **Palavras- Chave em Gerontologia**. Campinas: Alínea, 2001.

NERI, Anita Libaresso. “Velhice e Qualidade de vida da Mulher”. In: Néri, Anita Libaresso (org) **Desenvolvimento e Envelhecimento**: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP:Papirus, 2001.

NETTO, Matheus Papaléo. In: Processo de Envelhecimento e Longevidade. **Tratado de Gerontologia**. 2 ed. Rio de Janeiro, 2007. p.3-14.

NUNES, Clarice. **Diretrizes Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Rio e janeiro: DP&A, 2002.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Terceira idade**: do repensar dos limites aos sonhos impossíveis. São Paulo: Paulinas, 1999.

PAPALÉO NETTO, M. **Ciência do envelhecimento: Abrangência e Termos Básicos e Objetivos**. In: **Tratado de Gerontologia**. 2ª Ed. São Paulo: Atheneu, , 2007. pag.29- 38.

PASCHOAL, Sérgio Marcio P. **Autonomia e Independência**. In: Pappaléo Netto. **Tratado de Gerontologia**. 2.ed. Rio de Janeiro, 2007. p. 609-621.

PARÂMETROS CURRICULARES NAICONAIS. Terceiro e quarto Ciclos do Ensino Fundamental. **Temas Transversais**. Brasília, 1998.

PAZ, Serafim F. **Movimentos Sociais: participação dos idosos**. In: PY, L; PACHECO, J. L; SÁ, J. L. M e GOLDMAN, S. N. (orgs) Tempo de envelhecer: Percursos e Dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Ed NAU, 2004.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 5/6, p. 15-24, 1997.

PIAGET, Jean. ”**L’education morale à L’Ecole**: De L’Education do Citoyen e L’Education Internacionale.” Paris, França: 1997.

PUCCA JUNIOR, Gilberto F. Saúde Bucal do Idoso: Aspectos Sociais e Preventivos. In: Papaléo Netto, M (org). **Tratado de Gerontologia**. 2. Ed. São Paulo: Atheneu, 2007. p. 521- 535.

REMEN, R. N. **Histórias que curam:** conversas ao pé do fogão. São Paulo: Ágora, 1998.

RODRIGUES, Nara da Costa. Política nacional do Idoso- Retrospectiva Histórica. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento.** Porto Alegre, v. 3, 2001.

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. **Aprendendo a ser e a conviver.** 2.ed. São Paulo: FTD, 1999.

SEVERINO, Antonio J. **Metodologia do Trabalho Científico.** 22. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SOMMERHALDER, C& NOGUEIRA, E. J. As Relações entre Gerações. In: FREIRE, S. A. & NERI, A. L. (org). **E por Falar em Boa Velhice.** Campinas: Papyrus, 2000.

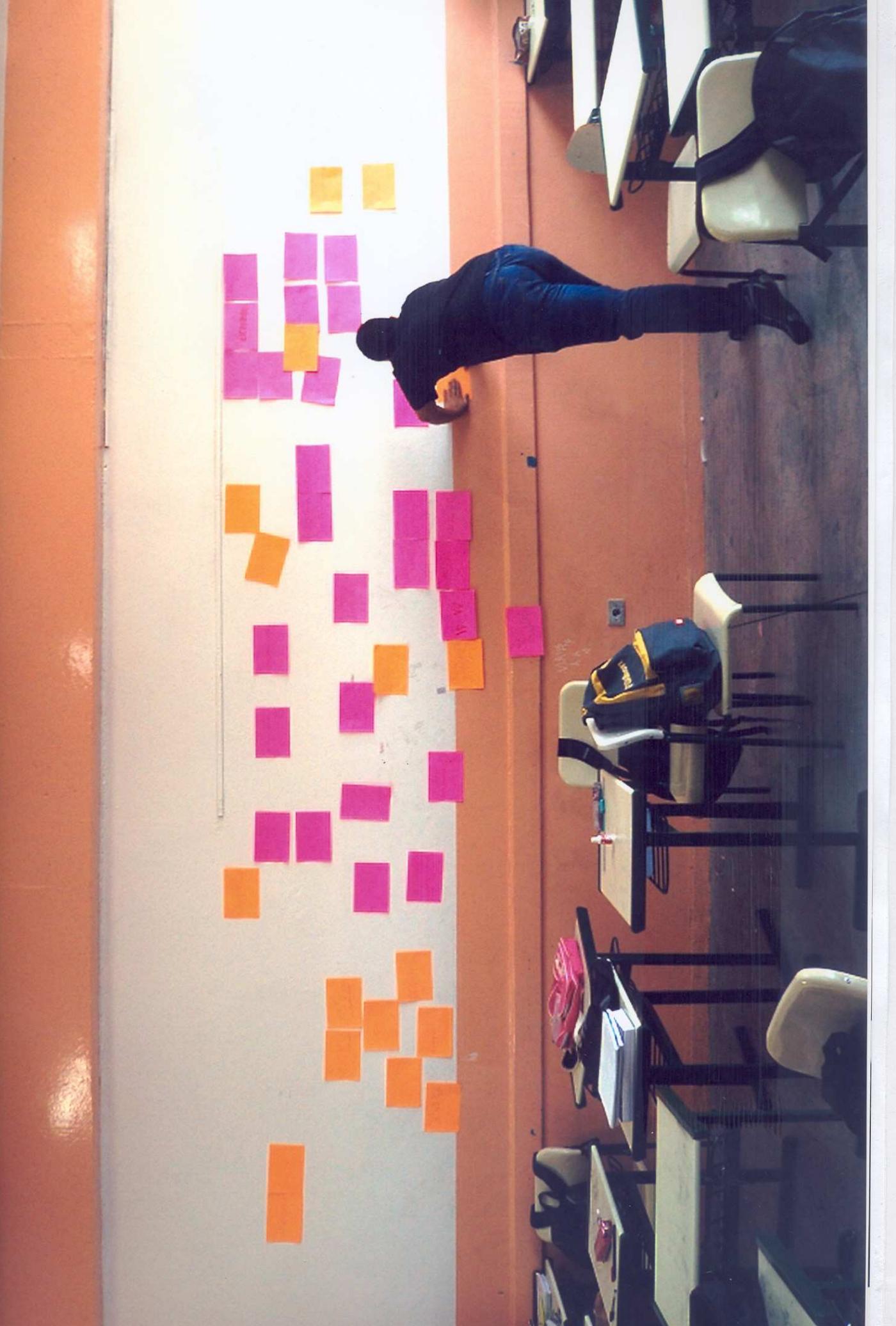
SOUZA, Regina Magalhães de. **Escola e juventude:** o aprender a aprender. São Paulo: EDUC/ Paulus, 2003.

VERAS, R.P.; RAMOS, L. R; KALACHE, A. Crescimento da população no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade. **Revista de Saúde Pública,** São Paulo, v. 21, n. 3, 1987.

Anexos











Termo de Consentimento

Eu, Sheila Aparecida Pereira de Oliveira, portadora do RG: 27874017-0, professora, vinculada a rede Estadual de Ensino da região Leste 2, venho solicitar junto a esta Diretoria Regional de Ensino Leste 2, na pessoa da Senhora Dirigente Regional de Ensino, Marília Santos Carvalho de Polillo, o consentimento para que minha atividade docente realizada com os alunos do Terceiro ano do Ensino Médio, seja publicada como meu estudo de Dissertação de Mestrado, junto a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof Dr^a Ruth G da C Lopes do Programa de Gerontologia . A pesquisa tem como titulo, O JOVEM FRENTE À VELHICE E O ENVELHECIMENTO: Estudo Realizado com alunos de 15 a 18 anos de escola pública na região do Itaim Paulista, São Paulo. Este estudo visa a ampliação de conhecimentos científicos propiciadores da consolidação das interfaces entre as áreas da Gerontologia e da Educação. Como parâmetros adotarei as categorias da Gerontologia Social e, conseqüentemente ampliaremos a concepção da educação para além dos conteúdos curriculares obrigatórios. O objetivo central deste estudo é saber a visão do adolescente do Ensino Médio sobre a velhice e o envelhecimento. A pesquisa tem caráter qualitativo e através de uma dinâmica de grupo, realizada com alunos do terceiro ano, verificamos a visão do adolescente e os conceitos que este possui sobre esta etapa da vida, a velhice. A análise de dados ocorreu de acordo com as falas dos alunos durante a realização da atividade e foi respaldado nos fundamentos teóricos metodológicos norteadores de todas as etapas da realização do trabalho. A identidade dos alunos, assim como a da unidade escolar foi preservada.

Sem mais,

Atenciosamente.

Sheila Ap. Pereira de Oliveira.

Concedido


Marília Santos C. de Polillo
RG: 6.396.571
Dirigente Regional de Ensino

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)